

Mestrado em Estudos Anglo-Americanos
- Tradução Literária

Pride and Prejudice : Uma Análise de Traduções Portuguesas do Romance de Jane Austen

Inês Joana de Sousa Santos e Alves
Trigo

M

2017



Inês Joana de Sousa Santos e Alves Trigo

***Pride and Prejudice: Uma Análise de Traduções Portuguesas*
do Romance de Jane Austen**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, orientada
pelo Professor Doutor Jorge Bastos da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2017

Pride and Prejudice: Uma Análise de Traduções
Portuguesas do Romance de Jane Austen

Inês Joana de Sousa Santos e Alves Trigo

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, orientada
pelo Professor Doutor Jorge Bastos da Silva

Membros do Júri

Professor Doutor Rui Carvalho Homem
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Jorge Bastos da Silva
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Fátima Vieira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo	9
Abstract	10
Lista de abreviaturas e siglas	11
Introdução	12
Capítulo 1 - A autora, os Romances, as Traduções	14
1.1. Jane Austen	14
1.2. Pride and Prejudice	18
1.3. Traduções de Jane Austen na Europa	24
1.4. Traduções de Jane Austen em Portugal	28
1.5. Traduções de Pride and Prejudice em Portugal	30
Capítulo 2 - Traduções de nomes, formas de tratamento e lugares em traduções portuguesas de Pride and Prejudice	31
2.1. Nomes de personagens	31
2.1.1. Personagens centrais	31
2.1.2. Personagens secundárias	32
2.1.3. Gralhas e problemas	32
2.2. Formas de Tratamento	34
2.2.1. Títulos nobiliárquicos, honoríficos e militares	34
2.2.1.1. Análise de formatação	36
2.2.2. Formas de tratamento entre personagens	36
2.3. Lugares	38
Capítulo 3 - Avaliação crítica das traduções	40
3.1. Cortes	40
3.2. Simplificação	49
3.3. Adaptações	51
3.3.1. Adaptação - unidades de medida	52
3.3.2. Adaptação - jogos de cartas	53
3.4. Expressões idiomáticas	55
3.5. Expressões religiosas e supersticiosas	56
3.6. Alteração de tom	57
3.7. Erros de tradução	60
3.8. Gralhas	62
3.9. Notas do Tradutor	62

3.10. Apresentação paratextual	64
Conclusão	68
Referências bibliográficas	70
Anexos	74
Anexo 1 - personagens de Pride and Prejudice	75
Anexo 2 - personagens centrais	76
Anexo 3 - personagens secundárias	77
Anexo 4 - capa EI	79
Anexo 5 - capa RT	80
Anexo 6 - capa 1975 PEA	81
Anexo 7 - capa 1996 PEA	82
Anexo 8 - sobrecapa 1996 PEA	83

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço o apoio incansável do meu orientador, professor Doutor Jorge Bastos, que mesmo com todos os contratempos apoiou o meu interesse por Jane Austen desde o início da minha licenciatura, e que me incentivou a desenvolver esta investigação.

Deixo os meus agradecimentos ao sr. João Fontes e à Carla Andrade, pelo apoio prestado no contacto com as editoras. Agradeço também ao João Soares e à esposa, Maria de Lourdes, que sempre apoiaram a minha leitura e que sempre se mostraram disponíveis a encontrar algum livro de que eu precisasse (ou a ir ao lago).

Agradeço ainda ao Guilherme, pelo imenso apoio e incentivo na conclusão deste trabalho, por todas as vezes que me mandou ir estudar, pela quantidade de vezes que perguntou “e a tese, já está pronta?”, e pelas dezenas de vezes que me terá ouvido resumir a obra e o relato dos progressos (ou falta deles).

Estou também grata ao Gil, que mesmo não gostando de textos grandes se ofereceu para ler o que eu escrevi, e ao André pela paciência, apoio, e ajuda a rever e a lidar com as tabelas - e pelas vossas constantes perguntas pela tese e por me corrigirem os meus erros mais absurdos, obrigada.

Agradeço também aos meus pais pela paciência e apoio, à Francisca Pereira, pelo apoio durante o mestrado, ao Sr. Pedro, pelos sorrisos e cafés que me deram energia, à Carla e à Lídia pela motivação, à Professora Felicíssima, à Professora Adalgisa Nunes e à Professora Carmo Oliveira, pelas bases que ajudaram a trazer-me até aqui, e a todos aqueles que, no presente ou passado tornaram esta tese possível e que facilitaram a sua construção.

E espero que não acrescentem zombies a isto.

Resumo

A dissertação estuda a recepção da obra de Jane Austen, estudando o caso particular de três traduções portuguesas da obra *Pride and Prejudice*, editadas pela Editorial Inquérito (1943), Romano Torres (1949) e Publicações Europa-América (1975), com o propósito de analisar a resposta dos tradutores a diversas situações, como a tradução de nomes próprios e formas de tratamento, expressões idiomáticas e religiosas, bem como verificar uma eventual presença de cortes, erros de tradução, gralhas, adaptações ou algum outro tipo de alteração da obra, e se estas situações tiveram diferentes respostas ao longo do tempo.

Palavras-chave: Jane Austen, tradução, *Pride and Prejudice*, *Orgulho e Preconceito*, recepção.

Abstract

This dissertation studies the reception of Jane Austen, in particular the case of three portuguese translations of the novel *Pride and Prejudice*, published by Editorial Inquérito (1943), Romano Torres (1949) and Publicações Europa-América (1975) in order to analyze the translators' response to different situations, such as the translation of first names, forms of address, both idiomatic and religious expressions, as well as verifying whether there is text cut, translation errors, typos, adaptations or any kind of alteration of the novel, and if these situations have had different approaches over time.

Keywords: Jane Austen, translation, *Pride and Prejudice*, *Orgulho e Preconceito*, reception.

Lista de abreviaturas e siglas

PP - *Pride and Prejudice/Orgulho e Preconceito*, remetendo para a edição em inglês da Penguin Classics

EI - Editorial Inquérito

RT - Romano Torres

PEA - Publicações Europa-América

Introdução

É uma verdade universalmente reconhecida que Jane Austen tem um lugar bem marcado no cânone da literatura no Ocidente. As suas obras continuam a ser reeditadas mais de dois séculos depois da primeira publicação, e são diversas as adaptações televisivas e ao grande ecrã das suas obras. Em Inglaterra é este ano lançada uma nova nota de 10 libras com a imagem da autora – e se isto não fosse um sinal da sua importância e presença actual, é a primeira mulher (para além da Rainha) a constar numa nota inglesa.

Este trabalho procura compreender o percurso de vida de Jane Austen, bem como a evolução e extensão das traduções das obras da autora na Europa e principalmente em Portugal até 2005, complementando e aprofundando a pesquisa feita por vários autores na obra *The Reception of Jane Austen in Europe*, organizada por Anthony Mandal e Brian Southam e publicada em 2007. Este trabalho beneficiou de contactos efectuados junto das casas editoras para clarificação de diversos dados relevantes.

Serão analisadas em detalhe três traduções de *Pride and Prejudice*, procurando assim avaliar a resposta dos tradutores a diversas situações, como a tradução de nomes próprios e formas de tratamento, expressões idiomáticas ou religiosas, bem como verificar uma eventual presença de cortes, erros, adaptações ou algum outro tipo de alteração da obra.

Para este estudo foram usadas três traduções de *Pride and Prejudice*:

- a edição da Editorial Inquérito, publicada em 1943, traduzida por Ersílio Cardoso e Alberto Serpa, a primeira tradução em português de Portugal.
- a edição de Romano Torres, publicada em 1949, traduzida por Leyguarda Ferreira, que constituiu a segunda tradução para português e que assumiu prolongada presença no contexto literário português, sendo integrada numa colecção que pretendia fazer chegar as traduções de obras de autores de renome a um público mais alargado.

- a edição das Publicações Europa-América, originalmente publicada em 1975, e a reedição de 1996¹, mais uma vez de uma editora que pretendia levar as obras, a baixo custo, a um grande número de leitores, e tendo também o objectivo de avaliar a veracidade do preconceito de que as traduções desta editora têm por norma fraca qualidade.

A versão do texto original utilizada para o confronto das traduções foi uma edição revista em 2014 da edição de 1996 da responsabilidade de Vivien Jones, publicada pela Penguin Classics, com base na primeira edição de *Pride and Prejudice*.

¹ Por uma questão de facilidade de acesso ao material, na medida em que não foi possível adquirir a edição de 1975, foi analisado o texto da edição de 1996. Ainda que o texto seja igual - tanto em paginação como em gralhas - é sempre feita referência à edição de 1996 por uma questão de coerência. No entanto na análise paratextual foram analisadas ambas as edições.

Capítulo 1 - A autora, os Romances, as Traduções

1.1. Jane Austen

Nascida em 1775 em Steventon, uma povoação do Sul de Inglaterra, pouco se sabe da vida da autora. Filha do reitor George Austen e de Cassandra Leigh, Jane cresceu num presbitério com os irmãos, não casou e teve uma morte precoce aos 41 anos. Grande parte da informação existente provém de cartas que Jane escrevia à família, principalmente à sua irmã, Cassandra, que após a morte de Jane queimou e censurou grande parte delas, para ocultar opiniões ou comentários e situações que pusessem em causa a integridade e bom nome da irmã (Todd 2005: 33-34). Assim, grande parte das informações que chegaram aos dias de hoje dividem-se entre cartas censuradas e biografias de irmãos ou sobrinhos, relatando um contínuo de felicidade e tranquilidade que não transmite exactamente a realidade.

Para a família de Jane a escrita era uma forma de entretenimento, não só individual como em grupo. A mãe escrevia versos e adivinhas, James, um dos irmãos mais velhos de Jane, escrevia poesia e juntamente com outro irmão, Henry, fundou um jornal semanal humorístico (Boyle 2011b). Nos serões era habitual lerem-se histórias em família, ou dramatizarem-se pequenas peças (normalmente protagonizadas pelos mais novos) que era comum terem prólogos ou epílogos escritos por James e Henry e por vezes Jane. A escrita e a leitura eram assim muito incentivadas na família, sendo que Jane teve acesso à biblioteca do pai e à de amigos da família, bem como papel de qualidade para a escrita.

O conjunto de textos escritos pela autora durante a sua adolescência que chegou à actualidade contém histórias, pequenas dramatizações e versos escritos entre os 11 e os 17 anos destinados a serem lidos para a família, ou para circularem entre amigos, numa tentativa de receber admiração pelo seu talento. Os textos desta altura eram essencialmente paródias de romances da época, pequenas aventuras ou expressões vívidas de sentimentos, repletos de personagens femininas poderosas, seguras de si e desejosas de viver mais do que os limites rígidos da sociedade permitiam (Fergus 2005: 6). Foi por esta altura que Jane Austen começou a frequentar bailes e a rodear-se de

membros da nobreza rural e da gentry, a visitar parentes ricos, e a aperceber-se das inseguranças e ambiguidades da sua posição social, mostrando preocupação com a realidade.

Com uma postura um pouco mais madura do que na sua Juvenília, surgem então as primeiras obras de Jane Austen. Em 1797 Austen tenta pela primeira vez assegurar a publicação de uma obra, *First Impressions*. Diversos factores menores acabaram por impossibilitar a sua publicação. Não só, à época, a escrita feminina ainda lutava por conquistar o seu lugar, como os editores que o pai de Jane contactou - da melhor forma que sabia, mas não da maneira mais correcta - já estavam bem estabelecidos no mercado, com nome conceituado, e seria pouco provável que quisessem arriscar publicar obras de uma autora desconhecida, com a agravante de ser alguém “do campo”, sem grande influência ou presença na cidade (Mandal 2013: 46-47).

Esta rejeição não fez Jane desistir da escrita, muito pelo contrário, mas opta por deixar temporariamente de lado a ideia da publicação. Empenha-se em editar estes primeiros rascunhos, que pouco se assemelhavam ao que hoje em dia lemos da autora, uma vez que Jane escrevia para um público específico - família e amigos próximos - cuja crítica era tida em conta no desenvolvimento da obra, bem como o processo de auto-crescimento da autora. É de notar o exemplo de *Elinor e Marianne*, que viria a constituir a história de *Sense and Sensibility*, que foi escrito em formato epistolar e mais tarde reescrito na terceira pessoa (Mandal 2013: 44). Efectivamente, cada obra da autora conta com três fases distintas: a escrita, a revisão/alteração e a publicação.

Entre 1795 e 1798 Austen escreve *Elinor and Marianne* (mais tarde intitulado *Sense and Sensibility*), *First Impressions* (que se tornou *Pride and Prejudice*) e *Susan* (publicado como *Northanger Abbey*). Este era então o início do primeiro grupo de obras de Jane Austen, as “obras de Steventon”, a vila onde Jane Austen nasceu e viveu grande parte da sua vida; nestas obras, de espírito leve, Jane retrata sobretudo as oportunidades e expectativas da vida adulta, mostrando uma preocupação com os costumes sociais da época e com o facto de as filhas não herdarem propriedade, mas sem perder as personagens femininas e seguras de si.

Em 1800 George Austen, pai de Jane, reforma-se e a família viaja um pouco -

Bath, Steventon, Kent, Lyme Regis - até, com a morte de George Austen, a família se estabelecer definitivamente em Chawton.

Em 1811 Jane volta a tentar publicar, apresentando a Thomas Egerton a obra *Sense and Sensibility*. Também a escolha deste editor foi algo singular, dado que este editava essencialmente publicações militares e políticas. No entanto é possível especular uma ligação de Egerton ao irmão mais velho de Jane, o que torna mais plausível a oportunidade dada a Jane de se lançar com uma obra de ficção (Mandal 2013: 49). Esta foi aceite sob comissão: o custo de publicação e publicidade era suportado pela autora, sendo que o editor detinha uma comissão e o autor mantinha o copyright. A primeira edição da obra lucrou a Jane Austen 140 libras (Le Faye 2004: 189) e obteve diversas críticas favoráveis de publicações de renome (Mandal 2013: 49; Waldron 2005: 85), o que sem dúvida a incentivou a publicar *Pride and Prejudice* em 1813.

Daí em diante tudo se procedeu com relativa rapidez. Instalada na nova casa, após a morte do pai, Jane começa a desenvolver aquele a que hoje chamamos de segundo conjunto - “as obras de Chawton”: *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816) e *Persuasion* (1818). Estas eram mais complexas, fruto de uma experiência mais madura, reflectindo as vivências da autora, à época já com quarenta anos.

Em 1816 Jane adoece, mas continua ainda a escrever e termina *Persuasion* e reformula ainda a obra que hoje em dia se conhece por *Northanger Abbey*, mas no ano seguinte, a 18 de Julho de 1817, acaba por falecer em Winchester. A causa da morte não é certa. Considera-se doença de Addison ou cancro, ou mesmo envenenamento por arsénico. Postumamente, o irmão encarrega-se de publicar *Persuasion* e *Northanger Abbey* através de John Murray, juntamente com uma nota a declarar pela primeira vez Jane Austen como autora das seis obras.

Austen nunca quis o seu nome publicado como autora das suas obras, uma vez que isso a associaria ao comércio, que apesar de ser uma forma honesta de ganhar dinheiro não era bem vista para aqueles que, como Austen, estavam conscientes da sua posição próxima da *gentry*². A família de Jane estava mesmo no limiar desse estatuto - os seus pais tinham dinheiro, mas não tinham terra, pelo que a única segurança para

² por ser um termo com um significado e contexto tão específico, foi mantido o termo original em inglês.

Jane seria através do casamento. No entanto também aí a falta de riqueza da sua família era um problema. Na publicação das duas primeiras obras só a mãe, irmãos, sobrinha mais velha e algumas amigas próximas sabiam que era ela a autora, mas rapidamente se tornou um segredo de Polichinelo, muito embora essa especulação também garantisse à autora determinada fama e aura de mistério, sendo que algumas das críticas consideravam algumas das suas obras “much too clever to have been written by a woman” (Austen-Leigh 2002: 149).

Em 1832 Richard Bentley e Henry Colburn compram o copyright das obras a Henry e Cassandra Austen e no ano seguinte publicam-nas em cinco volumes ilustrados na série “Standard Novels”, juntamente com nomes como Beckford, Burney, Edgeworth, Galt, Godwin, Mary Shelley, entre outros. (Maxwell 2008: 42). Esta série surgiu para facilitar o acesso a grandes obras da língua inglesa, a um custo consideravelmente mais baixo que o normal, permitindo o acesso às obras a um público muito mais vasto (Mandal 2013: 55).

A publicação de *A Memoir of Jane Austen*, por J. E. Austen-Leigh, sobrinho de Jane, em 1870, lança uma segunda vaga de interesse pela autora e Bentley reimprime as obras incluindo-as na colecção “Favourite Novels”. Uma década mais tarde as obras continuavam a ter saída e é publicada uma nova edição de luxo - a edição de Steventon - em seis volumes. Em 1884 Lord Brabourne, sobrinho-neto de Austen, publica *Letters of Jane Austen*. Elogiada por académicos e críticos, tornava-se cada vez melhor estabelecido o papel de Jane Austen na literatura inglesa, passando rapidamente a integrar o cânone literário.

A terceira vaga de interesse por Austen surge a partir de 1990 com o lançamento das adaptações da obra ao grande ecrã. Em 1990 é lançado *Sensibilidade e Bom Senso* no grande ecrã e que, não sendo um êxito, fez com que houvesse um maior interesse por Jane Austen. Em 1995, seguramente aproveitando esse interesse, é lançado em filme *Sensibilidade e Bom Senso*, que inclusivamente ganhou um Óscar, seguido de uma mini-série televisiva de *Orgulho e Preconceito*, com o actor Colin Firth, bem como

Persuasão, também em formato de mini-série televisiva³.

Os efeitos dessas adaptações fazem-se sentir ainda actualmente, passados já quase 30 anos. Longe de ser esquecida, a imagem de Jane Austen vai agora ocupar um papel importante na carteira dos britânicos, constando nas notas de dez libras no ano em que se comemora o bicentenário da morte da autora.

1.2. *Pride and Prejudice*

De todas as obras de Jane Austen, *First Impressions* era a favorita da família e amigos próximos. A história centra-se nas cinco irmãs Bennet e no problema do morgadio - a propriedade era passada para o descendente varão primogénito ou, caso não houvesse descendência, ou esta fosse feminina, a herança passava para o familiar masculino mais próximo. Dado que perdiam o direito às terras, a forma de as irmãs assegurarem riqueza e um futuro era através do casamento. A mãe, Mrs Bennet, vivia a tentar casar as suas filhas, pelo que não podia ter ficado mais encantada quando soube que Mr Bingley, um jovem de consideráveis posses, tinha acabado de se mudar para a propriedade ao lado.

Rapidamente se organiza um baile e não escapa a ninguém o interesse de Mr Bingley por Jane, a mais velha das meninas Bennet, mas quer as altivas irmãs de Mr Bingley, quer o arrogante amigo Mr Darcy não ficam contentes com este interesse romântico, não só por não acharem o sentimento mútuo, como por terem reservas com a atitude e falta de riqueza da família Bennet. Surpreendentemente, Mr Darcy, que não se coíbe de expressar o seu desagrado pelo ambiente e pelas pessoas presentes, dá por si apaixonado pela segunda das irmãs Bennet - Elizabeth, com quem rejeitara dançar no baile. Magoada por essa rejeição e pelas opiniões lançadas sobre a sua família, Elizabeth vê em Darcy um homem orgulhoso e altivo.

As constantes relações entre os Bennet e os Bingley mostram um comportamento pouco cuidado e certa falta de maneiras na família Bennet, que acaba

³ *Sense and Sensibility* (1990) realizado por David Hugh Jones, *Sense and Sensibility* (1995) realizado por Ang Lee, *Pride and Prejudice* (1995) realizado por Simon Langton e *Persuasion* (1995) realizado por Roger Michell]

por ser o alvo de gozo por parte das irmãs de Bingley, principalmente de Caroline, que pretende casar com Mr Darcy e o vê apaixonado por Elizabeth, acabando por usar como argumento a sua posição na sociedade para se sobrepor a Elizabeth.

Os Bennet recebem a visita de um primo, Mr Collins, um clérigo pomposo e bajulador que será o herdeiro das propriedades dos Bennet. Collins procura, num misto de altruísmo e auto-enfatuação, casar com uma das irmãs Bennet, para que a propriedade se mantenha delas. Mrs Bennet explica-lhe que Jane está prestes a ser pedida em casamento e Mr Collins decide passar as suas atenções para Elizabeth, pedindo-a em casamento, mas Elizabeth, desmotivada pelas atitudes pomposas do reverendo, rejeita a proposta. Surpreendendo toda a família, Collins pede em casamento Charlotte Lucas, amiga de Elizabeth, e ela aceita.

Lydia e Kitty, entusiasmadas com a chegada do regimento à vila de Meryton, conhecem o charmoso Mr Wickham, que se aproxima de Elizabeth e lhe conta a história de como Mr Darcy lhe destruiu o futuro favorável que lhe tinha sido prometido. Elizabeth, que confia instintivamente em Wickham, confirma assim as suas suspeitas de que Darcy é má pessoa.

O baile seguinte não correu bem para Eliza, que se vê embaraçada por todos os membros da sua família. Pouco tempo depois, Bingley vai por tempo indefinido para Londres, deixando Jane destroçada, acabando por aceitar a proposta dos tios para ir passar uma temporada a Londres, expectante de encontrar Bingley.

Elizabeth visita Charlotte e Mr Collins e rapidamente são convidados para jantar em casa de Lady Catherine, onde encontram Darcy e o seu primo, Coronel Fitzwilliam, e as visitas que ambos fazem à casa de Collins criam a suspeita a Charlotte de que Darcy possa estar apaixonado por Elizabeth. Em conversa com Elizabeth, Fitzwilliam comenta o bom carácter de Darcy, inclusivamente como este conseguiu impedir um amigo de fazer um casamento imprudente. Reconhecendo a situação de Jane e Mr Bingley nessa história, Elizabeth culpa Darcy pela tristeza da irmã. É neste contexto que Darcy visita Elizabeth e confessa o seu amor por ela, pedindo-a em casamento, realçando a falta de riqueza e posição social da família Bennet. Elizabeth, enfurecida, rejeita Darcy, acusando-o de ter sabotado as perspectivas de casamento da irmã,

afirmando nunca se ter deixado enganar pelo seu carácter, tendo tido a confirmação quando soube da história de Wickham. Magoado, Darcy sai, voltando no dia seguinte para entregar uma carta a Elizabeth explicando toda a situação, dizendo que impediu o casamento por Jane não estar apaixonada por Bingley e por causa da pobre e complicada família. Conta também a verdadeira história de Wickham: como este rejeitou a posição na paróquia, pedindo dinheiro para estudar, que gastou em divertimentos, regressando para pedir a posição de volta e, sendo recusado, tentou fugir com Georgiana Darcy. Elizabeth, espantada, percebe que se enganou a respeito de Wickham e começa a mudar a atitude para com Darcy, não o perdoando no entanto por ter magoado Jane.

De regresso a casa, o tema de conversa das irmãs mais novas é a presença do regimento em Brighton durante o Verão e o convite por parte da mulher do Coronel Forster para Lydia passar o Verão lá com eles. Em privado, Elizabeth conta a Jane a verdade sobre Wickham, mas ambas decidem não expor publicamente a verdade sobre ele.

Para se libertar das preocupações, Elizabeth viaja com os tios. Uma das paragens é Pemberley, a casa de Darcy. A pedido dos tios, e depois de se certificar da ausência de Darcy, Elizabeth aceita visitar a propriedade. Durante a visita, a governanta elogia Darcy, mostrando uma faceta dele que Elizabeth julga impensável. Contra o esperado, Darcy chega mais cedo, e cruza-se directamente com Elizabeth. Ambos ficam extremamente envergonhados e Darcy acaba por a convidar a conhecer a sua irmã no dia seguinte. Inesperadamente, Elizabeth recebe uma carta de casa, dizendo que Lydia fugiu com Wickham. Elizabeth acaba por confessar o sucedido a Darcy, acabando por regressar a casa com urgência. Uns dias depois do desaparecimento chegam notícias dos tios, dizendo que Lydia e Wickham foram encontrados e pretendem casar. Elizabeth, cuja opinião de Darcy mudara completamente, sente que este escândalo arruinou completamente qualquer hipótese que pudesse ainda ter com Darcy, e é com muita curiosidade que ouve Lydia, por descuido, dizer que Darcy esteve presente no casamento. Confrontando os tios, estes acabam por lhe confessar que foi Darcy que encontrou o casal fugitivo e que lhes pagou o casamento, seguramente por - acreditam

os tios, Darcy estar apaixonado por Elizabeth.

Bingley volta para Netherfield e visita os Bennet, acabando por pedir Jane em casamento. Elizabeth, ao encontrar Darcy, agradece-lhe pelo que fez por Lydia. Darcy, incrédulo por descobrir que Elizabeth sabia do que julgava ser segredo, acaba por admitir perante ela que os seus sentimentos não mudaram e que a proposta de casamento ainda se mantém. Elizabeth confessa que a sua opinião mudou, e aceita casar com Darcy.

Talvez por ser a favorita da família e amigos que *Pride and Prejudice* tenha sido a primeira a tentar ser publicada. Esta primeira tentativa de publicação partiu de uma carta do pai de Jane Austen, uma vez que à época era comum serem os homens a contactar os editores, mas muito provavelmente incentivada pela própria Jane. A carta, enviada em 1797 para Thomas Cadell, um editor londrino, pedia a publicação de um manuscrito do tamanho de *Evelina*, uma obra de Frances ou Fanny Burney, e perguntava quais seriam os custos caso a obra fosse publicada às custas do autor ou qual seria o valor da venda do copyright (Mandal 2013: 42). No entanto, independentemente da qualidade da obra, as probabilidades de ser publicada eram muito reduzidas, em grande parte devido à forma como o pedido foi feito. Em primeiro lugar porque George Austen não envia o manuscrito ao editor, não se abstendo de lhe pedir uma resposta ainda assim, mas também porque George compara a obra da filha à obra de Frances Burney, *Evelina*, uma obra que à data teria quase duas décadas, em vez de a comparar a um outro sucesso mais recente, como seria o caso de *Camilla*, da mesma autora, publicada um ano antes desta carta. Um outro motivo poderá prender-se com o tom geral da carta em si. George mostra-se conhecedor dos métodos de publicação, mas ao mesmo tempo espera uma resposta sem dar acesso ao manuscrito, o que, aos olhos dos editores, terá sido uma atitude não só arrogante, como algo abusadora.

Ainda assim, é importante lembrar que Thomas Cadell era o dono de uma respeitável editora, não ia facilmente aceitar a obra de um autor desconhecido, principalmente de um autor da província. Jane Austen deveria talvez ter procurado outro

editor, tendo o cuidado de contactar aqueles que procuravam a venda de ficção. *First Impressions*, se publicado, teria dado um impulso maior à sua carreira.

Nos anos seguintes à rejeição, Jane procurou essencialmente editar as obras já escritas, mas tanto a reforma do pai em 1800 e a subsequente viagem da família como a publicação de *First Impressions*, uma obra de Margaret Holford em 1801 que desagradava a Austen, levaram a autora a fazer uma pausa.

Esta pausa, ainda que forçada, terá durado uma década, o que acabou por levar a uma melhoria das condições de publicação. Se à data da primeira tentativa de publicação as mulheres, enquanto escritoras, estavam ainda a marcar a sua posição, ao fim de dez anos a ficção - principalmente feminina - estava num momento alto de mérito literário e de aceitação pelo público, pelo que Austen teve sucesso quando tentou novamente publicar.

Após o sucesso da publicação de *Sense and Sensibility*, que lhe rendeu um lucro considerável e boas críticas (Mandal 2013: 49), Jane voltou a dedicar-se a *First Impressions*, fazendo a obra passar por uma profunda alteração. A mais notória delas será sem dúvida a mudança do nome da obra. Desmotivada pela publicação de um romance com o mesmo nome que a sua obra - principalmente uma obra que, talvez com algum preconceito, Jane critica - procura então um novo título para a obra.

A escolha de *Pride and Prejudice* virá de uma frase do último capítulo da obra *Cecilia*, de Fanny Burney, em que a expressão aparece três vezes em maiúsculas:

'The whole of this unfortunate business, said Dr Lyster, has been the result of PRIDE and PREJUDICE. [...] if to PRIDE and PREJUDICE you owe your miseries, so wonderfully is good and evil balanced, that to PRIDE and PREJUDICE you will also owe their termination.' (Burney 1782)

De facto, a expressão coincide com o tema da obra de Jane Austen, e há várias referências a *Cecilia* nas obras seguintes de Jane Austen, o que, embora não prove que tenha sido essa a origem do título, o torna bastante provável.

As transformações pelas quais passou a obra não se limitam ao título. O manuscrito original nunca chegou aos dias de hoje, embora conste que a primeira versão de *First Impressions* fosse um romance epistolar, à semelhança de *Eliaenor and Marianne/Sense and Sensibility*. É no entanto um facto que a obra sofreu um poderoso processo que a fez ser “lopt and cropt”, como foi descrito pela autora na sua correspondência (Todd 2013a: 137). Na carta escrita por George Austen ao primeiro editor em 1797 este compara-a, em tamanho, a *Evelina*, mas actualmente, comparando *Pride and Prejudice* a *Evelina*, a obra de Miss Burney é cinco vezes maior do que a de Jane Austen, o que nos prova o quão intensa a actividade de corte foi.

Thomas Egerton, que editara/publicara *Sense and Sensibility*, esperançado por um sucesso igual ou superior à primeira obra, decide comprar a Jane Austen o copyright de *Pride and Prejudice*. Jane queria um valor superior a 140 libras, valor que lucrara com *Sense and Sensibility*, mas Egerton só aceitou 110 (Mandal 2013: 51). *Pride and Prejudice* teve um enorme sucesso, tendo vendido três edições. As duas primeiras edições de *Pride and Prejudice* saíram, como era norma, em três volumes, uma técnica comum à época, não só para entusiasmar os leitores, incentivando a procura, como para agilizar o processo de impressão e publicação, e ainda como forma de gerir os custos, uma vez que o lucro do primeiro volume cobriria as despesas do segundo e assim sucessivamente. Já a terceira edição, em 1817, uma vez que a procura era escassa e o papel era caro, foi comprimida em dois volumes. Jane Austen, por ter vendido o copyright, não teve qualquer envolvimento nas edições de *Pride and Prejudice* e foi com desagrado que notou vários erros na sua publicação, sendo que o que mais a terá aborrecido terá sido a junção de dois diálogos de personagens diferentes num só. Esse erro não foi corrigido nas edições seguintes (Mandal 2013: 51).

Apesar de *Pride and Prejudice* ter sido a sua obra mais popular em vida, foi a obra que menos lucro lhe deu. A escolha original de vender o copyright acabou por prejudicar a autora, que recebeu pelo livro 110 libras, enquanto que o editor só com as duas primeiras edições terá lucrado mais de 450 libras (Fergus 2005: 9). Jane Austen nunca mais optou pelo mesmo método de publicação e todas as outras obras foram publicadas sob comissão: desta forma, Jane pagou os custos de impressão e publicação,

bem como 10% dos lucros.

Pride and Prejudice foi muito aclamado, tendo recebido várias críticas favoráveis por publicações como *Critical Review*, *British Critic* e *New Review*, sendo inclusivamente considerado muito superior aos outros romances da época (Waldron 2005: 84-85).

De todas as obras da autora, é sem dúvida a que mais tem servido para a apresentar a sucessivos públicos e pela qual é mais imediatamente reconhecida. Deu origem a adaptações televisivas e ao grande ecrã, e foi a primeira das suas obras a ser traduzida e lançada além-fronteiras, como se verá a seguir.

1.3. Traduções de Jane Austen na Europa

No âmbito desta dissertação, fizemos um levantamento que aprofunda o trabalho já feito no volume *The Reception of Jane Austen in Europe*, organizado por Anthony Mandal. Tal como afirma este autor, podem-se dividir as traduções de Jane Austen em três fases: a publicação anónima do século XIX, a estima na segunda metade do século XX e a popularidade do fim do século XX.

A primeira tradução de Jane Austen foi, curiosamente, de *Orgulho e Preconceito*, em 1813 - no próprio ano de publicação e não há qualquer indicação que Austen tenha tido conhecimento do facto. A obra foi dividida por quatro números sucessivos da revista *Bibliothèque Britannique*, uma publicação mensal suíça, que traduzia para francês publicações literárias e científicas britânicas. Um conjunto de excertos de *Orgulho e Preconceito* foram especialmente seleccionados não só de forma a mostrar o carácter britânico da autora, mas também de forma a ir ao encontro dos padrões dos romances franco-suíços, um género visto como exclusivamente feminino. Apesar da relevância da publicação - a *Bibliothèque Britannique* era uma grande influência na cultura literária do continente - os excertos correspondiam a apenas um terço do volume do original, o que influenciou, juntamente com algumas más traduções que se seguiram, a forma como a obra foi traduzida durante um século.

Só dois anos depois, em 1815, surgiu a primeira tradução completa de uma obra de Jane Austen, como será especificado adiante, e ainda assim, durante o século XIX

aplicava-se uma domesticação da tradução, em que o texto original era alterado de forma a ir ao encontro das expectativas da cultura, época e lugar, alterando muitas vezes aspectos como nomes, costumes e até mesmo localizações para ambientes ou normas mais conhecidas do leitor. Evidentemente, as obras acabavam por se afastar do original, e no caso de Austen isso notou-se na linguagem - em que o tom irónico da autora foi abafado, em que as atitudes das personagens foram moldadas para modelos de conduta mais aceites na época. Acrescenta-se ainda o facto de grande parte dos tradutores serem eles próprios escritores, pelo que se sentiam na liberdade de editar a obra original. É nestes moldes que em 1815 surge uma tradução de *Sensibilidade e Bom Senso* por Isabelle de Montelieu, uma escritora suíça, que se sentiu no direito de cortar partes do original, alterar emoções ou atitudes, e mesmo acrescentar partes escritas por si. Este trabalho, apesar de marcado como “tradução livre”, servia mais como adaptação, não mencionando sequer o nome da autora original (que a tradutora afirma desconhecer no seu prefácio), e acabaria por, fugindo ao original, ser a base de traduções para outras línguas, distorcendo cada vez mais o original e a noção do romance inglês.

A primeira tradução completa de *Orgulho e Preconceito* foi editada em Paris em 1821. Nas mãos de Eloïse Perks, *Orgueil et prévention* tinha um estilo de tradução semelhante ao de Isabelle de Montelieu, referindo a tradutora suíça, mas não a autora original.

Em 1822 surge em Genebra, Suíça, uma tradução rival, também em francês, de tradutor anónimo, que aplica cortes semelhantes aos da edição da *Bibliothèque Britannique*, mas mais graves ainda são os cortes de por vezes parágrafos inteiros, por vezes situações cruciais para a história, como que demonstrando, pelo decorrer da obra, o cansaço ou pressa do tradutor.

Em 1824 todas as obras estavam integralmente traduzidas em francês (incluindo três traduções de *Orgulho e Preconceito* e duas de *O Parque de Mansfield*), e foi nessa língua que chegaram a grande parte dos outros países. Jane Austen chega pela primeira vez à Alemanha em 1822, com a obra *Persuasão*, e em 1830 é publicado o primeiro *Orgulho e Preconceito* em alemão, que afirma ser uma “tradução livre”. A primeira tradução a chegar à Suécia, em 1836, e a Portugal, em 1847, é também *Persuasão*, mas

em 1855 é *Sensibilidade e Bom Senso* a chegar à Dinamarca, uma tradução da tradução feita por Isabelle de Montolieu. As traduções de traduções - que só por si tinham tanto de Jane Austen como da mão dos tradutores - nunca poderiam transmitir a essência da obra original, pelo que o interesse na autora esmoreceu; houve mais traduções nestes vinte anos que nos 65 anos que se seguiram.

Não só as más traduções eram a causa da fraca expansão de Jane Austen na Europa continental. O século XIX ainda assistia a uma relativa marginalização da escrita por mulheres, bem como o entender de que a escrita feminina, principalmente os romances, se dirigia em exclusivo a um público feminino, mas também porque em outros países não havia tanto interesse em romances como na Inglaterra. O ambiente inglês típico da autora também era uma dificuldade. O tipo de humor, hábitos, sociedade, ou muito especialmente no caso de Jane Austen, as políticas de género - eram difíceis de traduzir e principalmente de adaptar.

A entrada no século XX traz um novo entusiasmo pelos clássicos ingleses. Embora espaçadas, as traduções vão surgindo, chegando a novos países, embora nem sempre de forma fiel ao original. Em 1919 chega a primeira tradução de Jane Austen a Espanha com *Persuasão*, em 1922 à Holanda com *Sensibilidade e Bom Senso* e à Finlândia com *Orgulho e Preconceito*. A edição finlandesa, ao tentar adaptar a obra à sua cultura, optou por transportar toda a história para localizações finlandesas que se assemelhassem às localizações da obra.

Em 1929 Jane Austen estreia-se na Sérvia, com *Persuasão*, e no ano seguinte chega pela primeira vez à Noruega com *Orgulho e Preconceito*, que é também a obra que dá a conhecer a autora em Itália em 1932. Também nesse ano a autora é apresentada na Checoslováquia com *Sensibilidade e Bom Senso*, que também abre portas à autora na Polónia em 1934, enquanto *Orgulho e Preconceito* faz as honras no mesmo ano na Hungria.

Em 1938 surge a primeira adaptação de uma obra de Jane Austen à televisão. O filme televisivo de 55 minutos, produzido pela BBC, resumia a obra *Orgulho e Preconceito* (IMDb - *Pride and Prejudice (TV Movie 1938)*). Dois anos depois é também *Orgulho e Preconceito* que faz as honras no grande ecrã, uma produção

americana que recebeu um Óscar de Melhor Direcção de Arte em Preto e Branco. (IMDb - *Pride and Prejudice* (1940)) O filme tanto recebeu boas avaliações, como foi criticado por ser uma adaptação de uma peça de teatro e não da obra de Austen, fugindo nalgumas situações ao original.

O pós-guerra trouxe uma abertura maior à literatura em geral, que se reflectiu na expansão da autora pela Europa Continental, quer através de reimpressões, quer com novas traduções. Nesta fase, as traduções eram maioritariamente feitas por parte de académicos ou tradutores profissionais, sendo essencialmente mais fiéis ao original e de maior qualidade. A primeira obra da autora a chegar a praticamente todos os países nesta época foi *Orgulho e Preconceito*: à Roménia em 1943, à Grécia em 1950 e à Islândia em 1956. Em 1962 foi *Ema* a primeira a ser traduzida para croata, um caso curioso em que *Orgulho e Preconceito* só foi traduzido pela primeira vez em 2011. *Orgulho e Preconceito* continua a ser a escolha para estreitar Jane Austen, que só em 1967 chega à Rússia e no ano seguinte à Eslováquia; uma década depois, em 1980, é traduzida na Bulgária, e em 1985 chega à Catalunha e à Estónia.

Na década de noventa houve um crescente interesse por todo o universo austeniano motivado por mudanças sociais e culturais que tornaram as obras britânicas apelativas, em especial o ambiente da época retratada nos livros de Jane Austen. Mas talvez o maior mecanismo de atracção tenha sido a explosão de adaptações das obras à televisão e ao grande ecrã. Não só são meios que chegam a um público diferente como ainda renovam o interesse nas obras originais, que são reimpressas, muitas vezes com capas com imagens do filme para apelar à leitura. Em particular a mini-série televisiva produzida pela BBC baseada em *Orgulho e Preconceito*, em 1995, com a famosa cena de Colin Firth, que interpretava Mr Darcy, que encontra Elizabeth após um mergulho no lago, cativou mais de dez milhões de espectadores, segundo a própria BBC, e continua famosa nos dias de hoje (IMDb - *Pride and Prejudice*).

No final do século XX a Europa ainda se procurava definir. Com o desmembramento da União Soviética, em 1991 os países bálticos ganharam a sua independência e desenvolve-se o processo da globalização. Só em 1997 é que *Orgulho e Preconceito* e *Ema* chegam à Lituânia e em 2000 a Letónia lê finalmente *Orgulho e*

Preconceito na sua língua oficial. Também o efeito da globalização chega às minorias, e em 1996 surge uma tradução de *Orgulho e Preconceito* para basco e em 2005 para galego.

É marcante ver como uma autora de clássicos da língua inglesa tem uma expansão tão tardia na própria Europa e muitas vezes de forma infiel ao original, transmitindo uma imagem sua longe da verdade. Ainda assim, Jane Austen vai lentamente conquistando país a país, marcando solidamente a sua posição e criando admiradores e estudiosos por todos os países.

1.4. Traduções de Jane Austen em Portugal

Em resultado de pesquisa própria, podemos afirmar que a primeira tradução portuguesa de Jane Austen foi da obra *Persuasão*, em 1847, trinta anos depois de a obra ter sido originalmente publicada. Intitulada *A família Elliot, ou a inclinação antiga*, foi uma tradução do francês *La Famillie Elliot, ou l'ancienne inclination* (1821). A tradução francesa, de Isabelle de Montolieu, terá sido uma tradução livre e consequentemente, a tradução portuguesa, por Manoel Pinto Coelho Cotta de Araújo, também não seria fiel à obra original.

A segunda tradução para a língua portuguesa foi publicada em 1941 no Brasil. *Orgulho e Preconceito*, traduzido por Lúcio Cardoso, e que foi reimpresso em Portugal em 1969 pela Ibis, mas que seguramente terá sido lido em Portugal através da primeira edição.

Em 1943 a Portugália publica *A Abadia de Northanger*, traduzido por Madalena Donas-Boto. No mesmo ano, a Editorial Inquérito é a primeira a lançar a autora, para além daquele livro, editando as três principais obras de Jane Austen: *Sense and Sensibility*, com o nome *Razão e Sentimento*, traduzido por Berta Mendes, *Orgulho e Preconceito*, traduzido por Ersílio Cardoso e Alberto de Serpa, e em 1944, *Ema*, por José Parreira Alves.

Ainda em 1944, a Editora Romano Torres, conhecida pela oferta de literatura popular, entre eles o romance sentimental, lança-se na tarefa de publicar quase na totalidade as obras de Jane Austen na colecção “Obras Escolhidas de Autores

Escolhidos”, com *Persuasion*, com o nome *Sangue Azul: romance*, e em 1949, *Orgulho e Preconceito*, ambos traduzido por Leyguarda Ferreira e descritos como sendo uma tradução livre. Em 1956 publica *O Mosteiro de Northanger*, traduzido por Maria Fernanda. Seguem-se *Sense and Sensibility*, com o nome *Razões do Coração*, em 1961, *Fantasia de Ema*, ambos traduzidos por Mário da Costa Pires. Só *O Parque de Mansfield* ficou por publicar.

Em 1955 a Civilização publica *Persuasão*, traduzido por Fernanda Cidrais, em 1956 publica *Orgulho e Preconceito*, traduzido por José da Natividade Gaspar, e em 1963 *O Mistério de Northanger*, traduzido por ‘M.C.’.

Também numa tentativa de publicar apenas as obras mais famosas, o Círculo de Leitores publica, em 1972, *Orgulho e Preconceito*, traduzido por José da Natividade Gaspar, cuja tradução fora publicada antes pela Civilização; a Edimoda publica *Sensibilidade e Bom Senso* em 1996, traduzido por Mário Dias Correia, e a Editorial Presença publica, em 1997, *Persuasão*, por Fernanda Pinto Rodrigues.

A editora Europa-América traz, em 1975, uma nova mentalidade, e lança novas traduções já mais fiéis ao original. A primeira obra a ser editada é *Orgulho e Preconceito*, traduzida por Maria Francisca Ferreira de Lima, seguida por *Sensibilidade e Bom Senso*, por Maria Luísa Ferreira Costa, em 1981. Em 1996 publica *Persuasão*, traduzido por Isabel Sequeira, e uma versão de *Northanger Abbey*, por Isabel Veríssimo, com a curiosidade de intitular a obra de *Catherine*, o nome que Jane Austen tinha escolhido para a obra, após *Susan*, mas que foi alterado pelo irmão na altura da publicação. Em 2003 lança *O Parque de Mansfield*, traduzido por Aida Amélia Pora, e em 2004 publica *A Abadia de Northanger*, uma nova tradução, por Luiza Mascarenhas. *Ema* é publicada muito mais tarde, em 2011, numa reedição da tradução publicada pela Editorial Inquérito⁴.

⁴ As Publicações Europa-América foram contactadas de forma a tentar perceber esta decisão, mas não foi recebida resposta. Também foi contactada a Civilização Editora para obter uma explicação, mas esta não foi conclusiva.

1.5. Traduções de *Pride and Prejudice* em Portugal

Este levantamento foi um aprofundar do trabalho já feito em *The Reception of Jane Austen in Europe*, por Anthony Mandal.

A primeira tradução de *Pride and Prejudice* para a língua portuguesa foi editada pela Livraria José Olympio, uma edição brasileira, em 1941. Em Portugal só foi publicada, em 1943, uma tradução de Ersílio Cardoso e Alberto de Serpa para a Editorial Inquérito, e em 1949 a Romano Torres traz a tradução de Leyguarda Ferreira, que seria reeditada em 1954, 1960 e 1972. Já a Civilização edita em 1956, 1957? 1963 e 1972 a tradução de José da Natividade Gaspar.

Em 1969 a Ibis publica em Portugal a edição brasileira de 1941, na colecção “Livro Amigo”, e em 1972 o Círculo de Leitores publica a tradução de José da Natividade Gaspar, publicada antes pela Civilização. Em 1975 a Europa-América publica a tradução de Maria Francisca Ferreira de Lima, que reedita em 1978, 1989, 1996, 2002 e 2003.

Todas as traduções receberam o mesmo título: *Orgulho e Preconceito*.

Capítulo 2 - Traduções de nomes, formas de tratamento e lugares em traduções portuguesas de *Pride and Prejudice*

2.1. Nomes de personagens

Na análise à obra foi feito o levantamento das personagens, sendo 59 consideradas a estudo (cf. Anexo 1). Foram consideradas irrelevantes as personagens Sally e Sarah, uma vez que existe a dúvida se são duas personagens distintas ou a mesma, já que ambas são criadas dos Bennet e Sally é um comum diminutivo de Sarah.

As personagens foram então divididas em dois grupos: personagens principais e personagens secundárias (cf. Anexos 2 e 3).

Numa análise geral, é possível perceber que o critério de traduzir os nomes das personagens foi tendo menor aplicação ao longo do tempo. A Editorial Inquérito (1943) tem um total de 17 traduções, contra 4 de Romano Torres (1949) e nenhuma no texto das Publicações Europa-América (1996). As traduções dos nomes incidem apenas nos nomes próprios e nunca em apelidos, embora nem todos os nomes próprios sejam traduzidos.

2.1.1. Personagens centrais

A Editorial Inquérito traduz os nomes próprios de todas as personagens centrais. Jane torna-se Joana (EI 17), Elizabeth, Eliza e Lizzy são uniformizados para Isabel (EI 12), Mary fica Maria (EI 13), Kitty e Catherine são uniformizados para Catarina (EI 12) e Lydia passa a Lúdia (EI 14). Nalgumas ocasiões - não seguindo de todo o original - são criados diminutivos, como é o caso de Isabelinha (EI 179) e Joaninha (EI 350).

Da mesma forma, o tratamento dado à família Bingley passa pela tradução de Charles para Carlos (EI 45), de Louisa para Luísa (EI 37) e de Caroline para Carolina (EI 33). Lady Catherine tem o seu nome traduzido para Catarina (EI 70), o que não causa qualquer confusão com Kitty - que nesta tradução também é tratada por Catarina - devido à presença do título "Lady", que será mais à frente analisado. Também Anne de Bourgh, Charlotte Lucas e George Wickham têm os seus nomes traduzidos para Ana (EI

91), Carlota (EI 24) e Jorge (EI 102).

Já a edição da Romano Torres segue uma metodologia um pouco mais moderna. Na família Bennet não traduz nenhum nome e nas restantes personagens aqui classificadas como recorrentes, traduz apenas duas: Louisa Bingley para Luísa (RT 29) e Anne de Bourgh para Ana (RT 130), sem motivo aparente.

A edição das Publicações Europa-América, sendo a mais moderna, opta por não traduzir o nome de nenhuma destas personagens.

2.1.2. Personagens secundárias

Num total de 36 personagens menores (cf. Anexo 3 – sem considerar Sally/Sarah) há um pequeno número de traduções, justificado pelo uso habitual do apelido como forma de tratamento. Assim sendo, no texto da Editorial Inquérito encontramos apenas cinco personagens cujos nomes foram traduzidos: Lady Anne Darcy, que se torna Ana Darcy (EI 91), John, o criado dos Collins, e John, o criado dos Gardiner, ambos traduzidos para João (EI 220) (EI 236), Miss Mary King, cuja tradução para Maria levanta uma problemática estudada mais à frente (EI 228) e Harriet Forster, que se torna Henriqueta (EI 297).

Neste grupo de personagens Romano Torres traduz apenas os criados dos Collins e dos Gardiner, para "João" (RT 156, 201), hipoteticamente por serem personagens menos significativas - quer em classe social, quer no decorrer da obra.

2.1.3. Gralhas e problemas

Não foi raro encontrar gralhas nos nomes das personagens, mas, contra o esperado, é na edição mais recente que se encontram em maior número.

Em Romano Torres, seja por ser uma gralha ocasional que foi recorrentemente copiada, tenha sido por engano, "Lydia" aparece sempre escrito como "Lidya" (RT 13). Já no texto da Publicações Europa-América, Lizzy aparece uma vez como Lizzi (PEA 26) e "Kitty" é, numa única circunstância, escrito "Kitti" (PEA 16). Mencionada uma vez na obra, o nome de Mrs Annesley é traduzido em Publicações Europa-América para Sr.^a Ansley (PEA 192) e Haggerston tem o seu nome, na única vez que é mencionado,

escrito de forma errada - Haggertons (PEA 192). Encontram-se ainda outros exemplos em Sir Lewis de Bourgh, cujo nome aparece em Publicações Europa-América como "Sir Lewis de Bourg" (PEA 48), em Mrs Philips, que também em Publicações Europa-América surge como "Sr.^a Pplips" (PEA 57), e em Mr Stones, que é mencionado como "Sr. Stone" (PEA 228).

Surgem ainda duas situações que, não sendo gralhas, são importantes. Tanto Mr Phillips como Lady Metcalfe aparecem nas três obras como "Sr. Philips" (EI 34, RT 28, PEA 23) e "Lady Metcalf" (EI 174, RT 123, PEA 123). Isto, no entanto, não se trata de erro de tradução, mas sim de uma forma de preservar o texto da primeira edição, em que estas inconsistências acontecem (PP 370).

No entanto, surgem por vezes erros que alteram inclusivamente o género das personagens. A personagem "Hill" é mencionada num contexto social em que a ordem sobre a refeição seria dada à governanta - um papel ocupado por mulheres, e só então transmitida à cozinha. Ainda assim, a Editorial Inquérito e a Romano Torres traduzem como sendo homem (EI 68, RT 52). Já a edição das Publicações Europa-América retira o artigo de forma a deixar a ambiguidade (PEA 47). O mesmo se passa com Nicholls, que pelo contexto seria a governanta da família Bingley, e que é tratada pela Editorial Inquérito e Romano Torres como "o Nicholls" (EI 62, RT 45). Também aqui as Publicações Europa-América optam por retirar o artigo, tendo como resultado a manutenção da ambiguidade (PEA 42). No entanto, num outro momento em que a personagem é mencionada pela sua função, "housekeeper", as três obras traduzem como "a governanta" (EI 47, RT 37, PEA 32). O último caso está também relacionado com a baixa posição social. Dawson, criada de Lady Catherine, não só não tem o nome traduzido, como tanto a Editorial Inquérito como Romano Torres lhe retiram o pronome (EI 219, RT 155). Já na edição das Publicações Europa-América, o diálogo é reduzido, cortando mesmo a referência à personagem (PEA 155).

O caso de Dawson não é único. Em Romano Torres, também as únicas referências a Miss Watson e às Miss Webbs são retiradas, deixando consequentemente de existir nas traduções (RT 29, RT 123).

A tradução dos nomes em geral procura facilitar ao leitor a entrada no ambiente

da obra, mas nalguns casos a tradução dos nomes de duas personagens para um só nome levanta algumas hipotéticas confusões não planeadas pela autora. Kitty é normalmente tratada por esse mesmo diminutivo, mas também aparece referida como Katherine, o que não causa nenhuma confusão com Lady Catherine. Já a Editorial Inquérito traduz os dois nomes para “Catarina”, e precisa do suporte do título “Lady” para as distinguir.

Já entre Mary Bennet, Maria Lucas e Mary King, que na Editorial Inquérito partilham a tradução “Maria”, existe um exercício maior por parte do leitor, particularmente no momento em que Mary Bennet e Maria Lucas estão juntas no mesmo momento de acção:

O grupo, na sala de jantar, era grande, pois quási todos os Lucas vieram ter com Maria para saber novidades. Muitos eram os assuntos que os ocupavam: A senhora Lucas perguntava a Maria, andando de um lado para o outro da mesa, pela saúde da filha mais velha; [...]

- Oh! Maria - dizia ela - gostaria que tivesses ido connosco! (...)”
(EI 229-230)

A problemática da tradução dos nomes não é tomada de ânimo leve, muito menos à época da versão publicada pela Editorial Inquérito. Traduzir ou não teria sólidas vantagens ou desvantagens mas, neste caso, a possível confusão de três personagens com o mesmo nome não é tomada como suficientemente significativa para justificar a procura de alternativas, uma vez que duas das personagens não têm interferência apreciável na história, nem se cruzam vezes suficientes para poderem ser confundidas.

2.2. Formas de Tratamento

2.2.1. Títulos nobiliárquicos, honoríficos e militares

À entrada do século XIX, a sociedade inglesa estava fortemente estratificada, de acordo com critérios de classificação social formal (a existência de títulos de nobreza),

por um lado, e de propriedade e rendimentos, por outro. O universo ficcional representado na ficção austeniana é relativamente bem delimitado. Centra-se numa classe média de província, mais ou menos abastada, com certo grau de instrução, nas suas casas e nos seus dependentes directos.

Dentro desse universo, Darcy é uma personagem de condição social elevada, tendo em sua posse uma grande propriedade em Derbyshire. Mr Bennet é um *gentleman* que também tem propriedades. No entanto, casou com uma senhora de condição inferior. O pai de Mrs Bennet era um advogado, a irmã de Mrs Bennet também casou com um advogado e o irmão era um homem de negócios, pertencendo, pois, à classe média. As filhas dos Bennet herdaram o seu estatuto através do pai, proprietário, tornando-as parte da *gentry* e da classe alta.

Já a fortuna de Mr Bingley tinha sido adquirida pelo comércio. Ainda não tendo cumprido o desejo do seu pai de comprar propriedade, todo o dinheiro ganho por Bingley vinha do comércio. A mobilidade entre classes existia, mas compreende-se então que não se tratava da quantidade de dinheiro que se tinha, mas sim da forma como este era obtido.

Em *Orgulho e Preconceito* Lady Catherine de Bourgh obtém o direito ao tratamento por “Lady” por ser filha de um conde, o que justifica também o título da irmã, Lady Anne Darcy. Não fosse esse o caso, Lady Catherine manteria o título por ter casado com um cavaleiro, mas passaria a ser estilizado “Lady de Bourgh”. É o caso de Lady Lucas, casada com Sir William. Este título não é hereditário, pelo que a filha mais velha é tratada por Miss Lucas antes do casamento, e Mrs Collins após. Não há qualquer informação que permita justificar a atribuição do título a Lady Metcalfe. Lady Catherine de Bourgh é também referida como “The Right Honourable”, um título atribuído a condes, viscondes e barões. As traduções publicadas pela Editorial Inquérito e por Romano Torres optam por manter o inglês, explicando em Nota do Tradutor que se trata de um “título honorífico inglês” (EI 70, RT 53). Já o texto das Publicações Europa-América substitui a expressão pelo título “Baronesa” (PEA 48). Tanto Sir William Lucas como Sir Lewis de Bourgh são *knights*, título a eles atribuído por acções nobres por eles efectuadas.

A milícia aparece também em *Orgulho e Preconceito*. As três personagens mais importantes são Colonel Fitzwilliam, Colonel Forster e Captain Carter. A tradução das patentes militares é consideravelmente mais uniformizada. Baseando-se nas equivalências portuguesas dos postos militares, “Colonel” é traduzido sem dificuldade para “Coronel” e “Captain” para “Capitão”.

2.2.1.1. Análise de formatação

No texto da Editorial Inquérito o título “lady” aparece sempre em itálico - excepto quando incluído na carta de Mr Collins para Mr Bennet, uma vez que o texto já se encontra formatado em itálico, estando “lady” no entanto em formatação normal (redondo). No entanto, a capitalização não aparenta seguir nenhuma regra, já que mesmo no meio da frase encontram-se ocorrências em maiúscula e minúscula.

Romano Torres traz uma maior uniformização. O título “lady” é, regra geral, escrito com minúscula e em itálico. Excepcionalmente encontra-se Lady Catherine escrito com maiúscula (RT 54). Existe, no entanto, a mesma situação que no texto da Editorial Inquérito: a carta de Mr Collins está estilizada em itálico, pelo que, para diferenciar, o título aparece com uma formatação normal.

A versão das Publicações Europa-América, talvez pelo avanço do tempo, é a mais coerente na formatação, tendo optado por uniformizar as ocorrências no original: “lady” aparece sempre com maiúscula e em formatação normal.

No masculino, o título “Sir” aparece no texto da Editorial Inquérito tanto com maiúsculas como minúsculas, mas sempre em itálico (ou em formatação normal, quando a formatação do texto em que aparece inserido assim o obriga), situação que se repete na edição Romano Torres, embora esta estilize o título sempre com maiúscula. Já o texto das Publicações Europa-América mantém a coerência - sempre com letra maiúscula e formatação normal.

2.2.2. Formas de tratamento entre personagens

A língua portuguesa, sendo mais complexa do que a língua inglesa no que

respeita às formas de tratamento, levantou alguns problemas aos tradutores. O tratamento por tu/você é um exemplo. Correspondendo ambos a “you” em inglês, ficou ao critério de cada tradutor escolher a forma de tratamento a utilizar.

Nas Publicações Europa-América Mr e Mrs Bennet tratam-se um ao outro por “você”, mas em todas as outras obras tratam-se, um ao outro e às filhas, por “tu”. No entanto as filhas só se dirigem aos pais por “tu” na versão da Romano Torres. No texto da Editorial Inquérito, curiosamente, as filhas começam por tratar a mãe por “tu” e no decorrer da obra passam a tratar a mãe por “você”, sem que seja dada qualquer explicação.

Na versão da Editorial Inquérito os casais - Mr e Mrs Bennet, Mr Collins e Charlotte, e Darcy e Elizabeth - tratam-se por “tu” e isso é bem marcado no exemplo de Darcy e Elizabeth, que enquanto conhecidos/amigos se tratam por “você” e após o pedido de casamento ser aceite por Elizabeth e pelo seu pai passam a tratar-se por “tu”. Em Romano Torres esta mudança não acontece, pelo que é possível entender que, não estando ainda casados, não têm intimidade para se tratarem por “tu”. Nas Publicações Europa-América o caso é ainda mais complexo. Darcy e Elizabeth continuam a tratar-se por “você” e Mr Collins e Charlotte continuam a tratar-se por “tu”, mas Mr e Mrs Bennet tratam-se por “você”. No entanto, é possível explorar uma teoria diferente - a diferença de idades. Eliza, em conversa com Lady Catherine (capítulo 29), diz ainda não ter vinte e um anos. Já quanto a Darcy, é possível calcular, a partir da carta que escreveu a Elizabeth (capítulo 35), que seu pai tinha morrido há cinco anos, e que o envolvimento de Wickham e Georgiana se dera pouco depois, quando Georgiana tinha 15 anos, o que faz Georgiana ter 20 anos à data da narrativa. Também na carta consta que Georgina é “mais de dez anos mais nova” que Darcy, o que o põe na casa dos 30. O narrador diz que Charlotte tem já 27 anos (capítulo 5) e que Mr Collins tem 25 (capítulo 13). Sobre o casal Bennet não há grande informação, mas sabendo-se que Jane tem quase 23 e que a idade normal para uma senhora se casar seria no início dos seus vinte anos, é possível presumir que Mrs Bennet estará no mínimo entre os 45 e os 50 anos. Se entre Mr Collins e Charlotte há dois anos de diferença e estes se tratam por “tu”, e se entre Darcy e Elizabeth há cerca de dez anos de diferença e se tratam por “você”, não será rebuscado

presumir que possa existir também uma diferença de idades entre Mr e Mrs Bennet para justificar que mesmo ao fim de mais de vinte anos de casamento se tratem por “você”.

Quanto ao tratamento entre diferentes posições sociais, toma-se como óbvio que quem está numa posição mais baixa trate por “você” quem está numa posição mais alta, mas no sentido inverso o tratamento de cortesia é também por “você”.

No geral cada obra é coerente entre si no uso de “tu” e “você” e são poucas as divergências entre elas, sendo grande parte destas facilmente justificadas, excepto na versão da Editorial Inquérito, na qual as filhas tratam a mãe por “tu” no início e no final tratam por “você”, sem razão aparente.

2.3. Lugares

Em *Orgulho e Preconceito* existem dois tipos de lugares - os reais e os imaginários.

Hertfordshire, o condado em que vivem os Bennet e os Bingley, é um lugar real, no Leste da Inglaterra, mas todos os lugares referidos como sendo em Hertfordshire partem do imaginário da autora: Longbourn, Netherfield Park, Lucas Lodge, Oakham Mount, “the memorably-named town of---”, Ashworth, Haye-Park, Purvis Lodge, Stoke e Meryton.

Nas três traduções estudadas os lugares em Derbyshire mantêm-se iguais com três excepções: Publicações Europa-América traduz Lucas Lodge e Pulvis Lodge para “casa dos Lucas” (PEA 92) e “casa dos Pulvis” (PEA 222) e RT opta por omitir “the town of---” (RT 160).

Derbyshire, o condado em que Darcy vive, é também um lugar real no centro Leste de Inglaterra. Nele se incluem lugares imaginários - Pemberly, Lambton e Kympton, e lugares reais - Bakewell, Chatsworth, Matlock, Dove Dale, the Peak, Blenheim, Oxford, Warwick, Kenilworth e Birmingham.

A tradução editada por Romano Torres encurta a descrição dos locais, optando por escolher manter apenas aqueles que seriam mais facilmente reconhecíveis pelos leitores (RT 174, 175). Ainda assim, é o texto das Publicações Europa-América que

acaba por fazer um corte maior, aglomerando quatro cidades como “região dos Lagos” (PEA 174). Bakewell apresenta gralhas em RT 184 e PEA 184.

Em Kent, um condado no sudeste de Inglaterra, é mencionado Westerham e Ramsgate, lugares reais, e Rosings e Hunsford, lugares imaginários. Nenhum deles é traduzido em qualquer das versões analisadas.

Em Londres encontramos Bromley, Epsom, Clapham, Cheapside, Gracechurch Street, Grosvenor Street, Barnet e Hatfield. Embora sejam todos locais reais e não traduzidos - excepto Londres - encontra-se uma incoerência. Apenas o texto das Publicações Europa-América se refere a “Gracechurch Street” como “Rua Gracechurch” (PEA 106), tradução que também faz a Grosvenor Street (PEA 89), mas na versão da Editorial Inquérito só se traduz “street” para referir Grosvenor Street (EI 125). Já o texto da Romano Torres, na única referência que faz à rua Grosvenor, escreve “Grovenor Street” (RT 111). Também Epsom aparece, por gralha, nas Publicações Europa-América como Epsom (PEA 197). Já a frase que mencionava Hatfield é cortada no texto da Editorial Inquérito (EI 279).

São ainda mencionados Brighton, em Sussex, Gretna Green, Newcastle e The Lake Country - todos lugares reais. Newcastle aparece como “New Castle” na edição das Publicações Europa-América (PEA 226). “The Lake Country” é também traduzido como “região dos Lagos” (RT 116, PEA 115) ou apenas por “lagos” (EI 163).

Concluindo, o que mais marca o ponto de vista dos tradutores no que respeita aos nomes das localidades são de facto as gralhas, mas no geral há inconsistências, quer em cada obra, quer no conjunto das obras, quando optam por traduzir “Street” ou “Lodge” mas não “Park” ou “Mount”.

Capítulo 3 - Avaliação crítica das traduções

3.1. Cortes

O aspecto que mais afectou as traduções de Jane Austen foram os cortes aplicados principalmente na edição de Romano Torres, que conta com mais de cento e cinquenta cortes. Dada esta extensão de ocorrências, realizaremos de seguida uma análise dos cortes considerando uma edição de cada vez. A identificação dos cortes mostra em detalhe a diferença de extensão dos textos que é aparente na diferença de número de páginas de edição para edição (como assinalado nas referências bibliográficas no final desta dissertação).

A maior parte dos cortes da edição de Romano Torres aparenta ter como objectivo uma simples redução do tamanho final da obra. Normalmente a tradutora corta frases que não acrescentam factos importantes à história, como a última frase do capítulo 2, “The rest of the evening was spent in conjecturing how soon he would return Mr. Bennet’s visit, and determining when they should ask him to dinner” (PP 10), ou que são, de certa forma, considerações mais detalhadas do que foi dito antes, como quando, no capítulo 28, Austen descreve que o grupo estivera sentado tempo suficiente para admirar toda a mobília da sala, é cortado o resto da frase que insiste “from the sideboard to the fender, to give an account of their journey, and of all that had happened in London” (PP 154). Também Jane, em discurso directo, diz que lerá o conteúdo da carta que recebera, e a tradutora opta por excluir o parágrafo seguinte: “She then read the first sentence aloud, which comprised the information of their having just resolved to follow their brother to town directly, and of their meaning to dine in Grosvenor Street, where Mr. Hurst had a house. The next was in these words” (PP 114). Também no diálogo de Lady Catherine, onde no original se lê “Why did not you all learn? You ought all to have learned. The Miss Webbs all play, and their father has not so good an income as yours. (...) That is very strange. But I suppose you had no opportunity. Your mother should have taken you to town (...)” (PP 161), na tradução aparece apenas “Porque não aprenderam todas? (...) É pena. Porque não foram passar algumas temporadas na capital (...)” (RT 123).

Ainda assim, é possível inferir outros motivos para certos cortes. O segundo motivo mais comum será, tanto quanto a interpretação o permite, o corte para mudar a imagem que é transmitida de ou por uma personagem, maioritariamente para ocultar opiniões ou traços de carácter menos bons.

Sobre Elizabeth, por exemplo, a tradutora opta por cortar “and were listened to about as much delight as the rattle of the chaise. Elizabeth loved absurdities, but she had known Sir William’s too long. He could tell her nothing new of the wonders of his presentation and knighthood; and his civilities were worn out, like his information” (PP 150). Também acerca de Elizabeth é cortado “[she] had scarcely patience enough to help anybody to coffee” (PP 322).

Já sobre Mrs Bennet é cortada uma opinião verbalizada por ela, para que não pareça tão rude: “to be thwarted so in my own family, and to have neighbours who think of themselves before anybody else” (PP 138), bem como a referência a ter “manners so far from right herself” (PP 206).

Também Maria Lucas, que tão pouca acção tem na obra, beneficia com os cortes e resumos que a tradutora faz, que acaba por cortar um momento de menor decoro por parte da rapariga: “[Maria] in the landing place, who, breathless with agitation, cried out” (PP 156).

Mary, que nalgumas passagens é criticada por Austen, é tratada de forma mais simpática pela tradutora, que na frase “Mary wished to say something sensible, but knew not how” (PP 9), corta “but knew not how”. Corta também a referência a esta ser “mistress enough of herself” (PP 274).

As irmãs de Mary, Kitty e Lydia, que Austen descreve a certo ponto sem qualquer refreio, também têm a sua descrição cortada pela tradutora: “Catherine, weak-spirited, irritable, and completely under Lydia’s guidance, had been always affronted by their advice; and Lydia, self-willed and careless, would scarcely give them a hearing.” (PP 206).

Lydia, com atitudes tão reprovadoras no decorrer da obra, tem outras ajudas da tradutora para esconder a sua má atitude. Mr Bennet descreve a filha nos seguintes termos: “Lydia will never be easy until she has exposed herself in some public place or

other and we can never expect her to do it with so little expense or inconvenience to her family as under the present circumstances.” (PP 222) Esta frase, que não mostra nada de bom na filha, não consta na tradução de Romano Torres.

Também o termo escolhido pela autora para descrever Lydia em “they were just returned from the library, where such and such officers had attended them, and where she had seen such beautiful ornaments as made her quite wild” (PP 230) fez com que a tradutora optasse por cortar toda esta frase. Assim, a escolha propositada da autora em usar um adjetivo forte para caracterizar a personagem é anulada nesta tradução, que neste exemplo e noutros procura melhorar a imagem de Lydia, tornando-a menos alvo das críticas que a autora quis fazer ao criar a personagem, com os seus próprios defeitos e falhas.

O texto publicado por esta editor corta ainda, do discurso de Mr Bennet, “I will not encourage the impudence of either” (PP 294), referindo-se à sua recusa em receber Lydia e Wickham em Longbourn; e corta ainda a linha de pensamento da mãe a propósito da visita: “And their mother had the satisfaction of knowing that she would be able to show her married daughter in the neighbourhood before she was banished to the North. When Mr. Bennet wrote again to his brother, therefore, he sent his permission for them to come;” (PP 297). Para além do interesse em reduzir a extensão da obra, a noção de “banir/exilar” alguém era, presumivelmente, demasiado forte.

Já no final da obra, são cortadas duas referências que mostram que, apesar das ajudas que Lydia teve, manteve a mesma atitude ao longo do seu casamento: “and I do not think we shall have quite money enough to live upon without some help.” (PP 365), “hers [Lydia’s affection] lasted a little longer; and in spite of her youth and her manners” (PP 366).

Collins é uma personagem caricata. Pretensioso e lisonjeiro, é das personagens que mais cortes sofre na edição de Romano Torres, numa tentativa notória de ocultar algumas das suas falhas. Quando Collins relata o seu uso dos elogios fá-lo vangloriando-se a ele próprio. A edição de Romano Torres opta por ocultar alguns desses momentos. “Her ladyship seemed pleased with the idea; and you may imagine that I am happy on every occasion to offer those little delicate compliments which are

always acceptable to ladies. (...) and that the most elevated rank, instead of giving her consequence, would be adorned by her.” (PP 66). Também a linha de pensamentos de Collins após Elizabeth lhe rejeitar a proposta de casamento sofre alguns cortes: “with the result of which he had every reason to be satisfied with” (PP 108), bem como o facto de acreditar que a rejeição se devia a “from her bashful modesty” (PP 108). Corta ainda, do discurso de Collins: “I should say one of her ladyship’s carriages, for she has several” (PP 155). Pode ser interpretado como uma forma de resumir o texto, mas pode ser uma tentativa de ocultar a falta de humildade do discurso.

Ao fazer estes cortes, a tradutora acaba por ter um papel que não lhe pertence, alterando as intenções originais de Austen. Numa obra que critica as atitudes erradas das personagens, quer pelos erros que cometem ao longo da história, quer pelo exagero das suas acções, suavizar as personagens ocultando algumas das suas falhas é contraproducente.

Com a possível preocupação de encurtar a obra, também as descrições - principalmente do exterior - perdem detalhe e qualidade. Ao descrever Pemberly são cortadas expressões como “where the wood ceased” (PP 235), “situated on the opposite side of the valley” (PP 235), “handsome stone building” (PP 235), “Its banks were neither formal not falsely adorned” (PP 235), ou mesmo frases inteiras, como “The hill, crowned with wood, which they had descended, receiving increased abruptness from the distance, was a beautiful object. Every disposition of the ground was good; and she looked on the whole scene.” (PP 236). A tentativa de resumo da obra acaba por levar a cortes do que possa parecer dispensável: “[walking] the two ladies in front, the two gentlemen behind, on resuming their places, after descending to the brink of the river for the better inspection of some curious water-plant” (PP 244-245).

Também a descrição da visita aos jardins de Pemberly sofre vários cortes:

They entered the woods, and bidding adieu to the river for a while, ascended some of the higher grounds; when, in spots where the opening of the trees gave the eye power to wander, were many charming

views of the valley, the opposite hills, with the long range of woods overspreading many, and occasionally part of the stream. (PP 242)

Penetraram nos bosques, subiram aos pontos mais altos onde, pelas aberturas do arvoredo, podiam abranger com a vista o maravilhoso panorama do vale e das colinas opostas. (RT 182)

Um outro exemplo:

They crossed it by a simple bridge, in character with the general air of the scene; it was a spot less adorned than any they had yet visited; and the valley, here contracted into a glen, allowed room only for the stream, and a narrow walk amidst the rough coppice-wood which bordered it. (PP 243)

Atravessaram-no por uma pequena ponte e encontraram-se num sítio mais agreste, apertado entre duas encostas. (RT 182)

Os cortes nas descrições não se limitam aos espaços físicos, também cortam acções e eventos da narrativa:

“He meant I believe,” replied Jane, “to go to Epsom, the place where they last changed horses, see the postilions and try if anything could be made out from them. His principal object must be to discover the number of the hackney coach which took them from Clapham. It had come with a fare from London; and as he thought that the circumstance of a gentleman and lady’s removing from one carriage into another might be remarked he meant to make inquiries at Clapham. If he could anyhow discover at what house the coachman had before set down his fare, he determined to make inquiries there, and hoped it might not be impossible

to find out the stand and number of the coach. I do not know of any other designs that he had formed; but he was in such a hurry to be gone, and his spirits so greatly discomposed, that I had difficulty in finding out even so much as this.” (PP 278)

“Creio que, antes de mais nada, pensa ir a Clapham, onde eles mudaram de carruagem, para ver se consegue algum indício que o ponha na pista dos fugitivos. Não sei dizer-te mais nada porque, ao partir, o pai estava tão preocupado e aflito que me custou a saber mesmo o que acabo de te dizer.” (RT 210)

É notória a diferença entre o original e a tradução. Jane Austen não é uma autora que escreva grandes detalhes, mas nota-se algum cuidado, particularmente nas descrições de exteriores, que a tradução de Romano Torres descure. Não só existe, por parte da autora, o interesse em descrever a paisagem e os jardins, como também de provar, por via dessa descrição, o quão grande e rica a propriedade era e, consequentemente, quão rico Mr Darcy é.

Menos graves, mas igualmente importantes, são os cortes de frases ou parágrafos que podiam gerar interpretações erradas. Cortar, por exemplo “Is not general incivility the very essence of love?” (PP 139), seguramente uma opinião algo controversa.

Ao descrever a maneira como Lady Catherine se relacionava com Mr Collins, é cortado “She had even condescended to advise him to marry as soon as she could, provided he chose with discretion” (PP 65). A hipótese de subjazer ao corte a mera intenção de produzir uma versão abreviada do romance não está, mais uma vez, posta de parte, mas também é possível entender que a ideia de associar um Reverendo ao casamento fosse algo desconfortável.

A noção de comércio como forma menos prestigiada de ganhar dinheiro talvez não fosse facilmente compreensível pelo leitor português de meados do século XX. Terá, possivelmente, sido essa a razão para excluir a frase de uma das irmãs de Bingley:

“and those strong objections probably were, her having one uncle who was a country attorney, and another who was in business in London” (PP 182). Da mesma forma, quando Mrs Bennet se refere ao anúncio do casamento de Lydia, a tradutora opta também por cortar “without there being a syllable said of her father, or the place where she lived, or anything” (PP 318), possivelmente porque essa referência não seria reconhecida pelos leitores.

Para além destes tipos de cortes, há outros menos lógicos. É sempre possível argumentar a intenção de resumo, mas parece haver outras razões, desconexas, a fazer sentido quase que só à tradutora, esbatendo ainda mais a já ténue fronteira entre o trabalho da autora e o da tradutora.

Ainda no início da obra, parte do discurso de Darcy é cortado: “I thought Miss Elizabeth Bennet looked remarkably well when she came into the room in the morning. Her dirty petticoat quite escape my notice.” (PP 36). Será resumo ou uma tentativa de ocultar os sentimentos que começavam a nascer em Darcy? Acontece o mesmo, mais à frente, ao dizer que Darcy não voltou a importunar Elizabeth naquela noite, cortando no entanto “though often standing within a very short distance of her, quite disengaged” (PP 100).

Também o inverso acontece. No original, Elizabeth vinca a sua opinião negativa quanto a Mr Darcy, dizendo dele: “I had supposed him to be despising his fellow-creatures in general, but did not suspect him of descending to such malicious revenge, such injustice, such inhumanity as this” (PP 79). Este passo é traduzido somente para: “Embora não gostasse dele, nunca supus que fosse tão mau. Considerava-o orgulhoso, mas não podia conceber que descesse a tão baixa vingança”. Embora a mensagem seja igualmente transmitida, é suavizada em relação ao original.

Todos estes cortes empobrecem, em extensão, rigor e qualidade, a tradução editada por Romano Torres. Pertencendo a uma colecção de “Obras Escolhidas de Autores Escolhidos”, destinada a circular amplamente e a custo moderado pelo público leitor, não transmite o verdadeiro valor de Jane Austen. Tal não acontece com as

edições da Editorial Inquérito ou das Publicações Europa-América, que embora apresentem cortes, não são tão intensos e disruptivos como em Romano Torres.

No que diz respeito à tradução da Editorial Inquérito, os cortes são muito mais escassos que no texto de Romano Torres e muito menos lógicos ou compreensíveis.

No geral, não se pode depreender que os cortes desta tradução fossem feitos de modo a resumir a obra. Nalgumas passagens é possível interpretar alguma tentativa de ocultar algum traço de carácter ou atitude mais incorrecto por parte de uma personagem, noutros admite-se que algum termo pudesse levantar dificuldades ao tradutor, mas noutros casos nenhuma justificação é intuitiva. Admite-se, ainda assim, que o texto a partir do qual a tradução foi feita pudesse ter falhas e, por qualquer motivo, tivesse alguns cortes.

A versão da Editorial Inquérito, quando descreve a intenção de Elizabeth de passear pelo jardim dos Collins, opta por cortar “The park paling was still the boundary on one side, and she soon passed one of the gates into the ground.” (PP 190). Também o sentimento de Mr. Gardiner e Elizabeth em relação a Georgiana Darcy, “[they] pitied her” (PP 255), é cortado. Ao encontrar Darcy em Pemberly, Elizabeth nota o quão diferente a atitude dele está. A tradução da Editorial Inquérito opta por cortar “She knew not what to think, or how to account for it” (PP 242). No mesmo contexto, os tios de Elizabeth notam a interacção entre eles e começam a suspeitar de um interesse romântico entre os dois jovens. Ainda assim, a edição corta “Her uncle and aunt were all amazement” (PP 248). Nenhum destes casos tem uma explicação evidente.

Cortes como “as if intending to exasperate herself as much as possible against Darcy” (PP 184), ou, a propósito do dia do casamento de Lydia, o corte de “and Jane and Elizabeth felt for her probably more than she felt for herself” (PP 298) podem, porventura, ser alguma tentativa de ocultar um traço de carácter menos decoroso. O mesmo se aplica à reacção dos pequenos Gardiners, ao reverem os pais, em que é cortada “and displayed itself over their whole bodies, in a variety of capers and frisks” (PP 271) ou ao referir a merenda que Jane, Elizabeth, Kitty, Lydia e ainda Maria Lucas tomaram numa vila a caminho de Longbourn, corta “and the elder ones paid” (PP 212).

Também a edição das Publicações Europa-América tem poucos cortes, e cortes que não aparentam uma razão para acontecerem.

Ao falar dos conselhos e exigências de Lady Catherine para fazer as malas, a edição das Publicações Europa-América corta “and was so urgent on the necessity of placing gowns in the only right way” (PP 207). Quando Wickham intercepta Elizabeth e lhe pede desculpa pela interrupção, a resposta de Elizabeth é cortada: “«You certainly do,» she replied with a smile; «but it does not follow that the interruption must be unwelcome.»” (PP 309).

Ao divagar sobre a alteração dos planos da viagem com os tios, Elizabeth toma uma atitude positiva. Ainda assim, a conclusão da sua linha de pensamentos é cortada: “and general disappointment is only warded off by the defence of some little peculiar vexation.” (PP 229). Também na visita a Pemberly a edição corta a frase “Mrs Reynolds’s respect for Elizabeth seemed to increase on this intimation of her knowing her master” (PP 237).

Na carta de Jane a Elizabeth, em que relata a fuga de Lydia, é cortada a frase acerca da ida de Mr Bennet para Londres com o Coronel Forster: “what he means to do I am sure I know not; but his excessive distress will not allow him to pursue any measure in the best and safest way, and Colonel Forster is obliged to be at Brighton again to-morrow evening.” (PP 262).

Esta edição corta ainda a opinião de Lydia sobre Wickham em que diz “and she was sure he would kill more birds on the first of September, than any body else in the country.” (PP 301). Corta ainda alguns detalhes sobre a visita de Georgiana, “for she had reached it only to a late breakfast” (PP 253) e que esse cortesia devia ser imitada “though it could not be equalled” (PP 253).

Não será uma necessidade de resumir a obra, nem de ocultar traços de carácter das personagens - as passagens não são suficientemente importantes. Terá sido alguma dificuldade por parte do tradutor nalguma frase ou, quiçá, desatenção que terá levado ao esquecimento de algumas passagens. Apesar de tirarem elementos à obra, afectam a sua integridade em grau muito menor do que os procedimentos adoptados para a versão publicada por Romano Torres.

3.2. Simplificação

Uma ocorrência bastante comum, especificamente em Romano Torres, é a simplificação, mais ou menos intensa, de uma frase ou parágrafo de modo a terminar com uma tradução mais curta.

Esta simplificação pode ser leve, como acontece quando no original é dito: “The note was immediately dispatched, and its contents as quickly complied with” (PP 41), traduzido por Romano Torres como: “O pedido foi satisfeito (...)” (RT 37). Apesar de empobrecer o texto, não se perde nenhuma informação importante. Também Romano Torres traduz “I never saw such capacity, and taste, and application, and elegance, as you describe united” (PP 39) como “Pode ser que exista, mas nunca conheci uma mulher que reúna todas essas qualidades” (RT 36).

No entanto, estas simplificações, ainda que pequenas, alteram também a caracterização das personagens: “Lady Catherine is a very respectable, sensible woman indeed (...) and a most attentive neighbour” (PP 155) foi drasticamente simplificado para “Lady Catherine, de facto, é uma senhora inteligente” (RT 118).

Também os diálogos simplificados retiram significado às personagens, acabando por as descaracterizar:

“I confess,” said he, “that I should not have been at all surprised by her ladyship’s asking us on Sunday to drink tea and spend the evening at Rosings. I rather expected, from my knowledge of her affability, that it would happen. But who could have foreseen such an attention as this? Who could have imagined that we should receive an invitation to dine there (an invitation, moreover, including the whole party) so immediately after your arrival!” (PP 157).

Romano Torres traduz esse parágrafo reduzindo-o a: “Conhecendo a amabilidade da ilustre senhora, não devia admirar-me, mas quem poderia contar com um convite para jantar logo no dia seguinte à vossa chegada!” (RT 120).

A fala repetitiva e repleta de referências bajuladoras a Lady Catherine, bem como o exagero no tom das palavras afectadas que escolhe usar, é de facto uma característica de Mr. Collins. Retirá-las ou simplificá-las descaracteriza a personagem. O mesmo acontece a Lady Catherine:

“(…) [Lady Catherine] was a most active magistrate in her own parish, the minutest concerns of which were carried to her by Mr. Collins; and whenever any of the cottagers were disposed to be quarrelsome, discontented, or too poor, she sallied forth into the village to settle their differences, silence their complaints, and scold them into harmony and plenty.” (PP 165)

Na tradução de Romano Torres lê-se: “(…) apesar da autoritária senhora não estar encarregada da justiça do condado, desempenhava papel activo na vida da freguesia, solucionando questões, calando lamentações e obrigando-os, à força de ralhos, a entrar na ordem.” (RT 126) Não só oculta o facto de ajudar os pobres e os descontentes, como não dá a entender que resolve brigas - parece mais que “ralha” com quem se queixa em vez de ajudar - reforçando mais o seu autoritarismo do que a sua justiça e apoio.

Há também casos em que o texto fica mais pobre:

“But it is fortunate,” thought she, “that I have something to wish for. Were the whole arrangement complete, my disappointment would be certain. But here, by carrying with me one ceaseless source of regret in my sister’s absence, I may reasonably hope to have all my expectations of pleasure realised. A scheme of which every part promises delight can never be successful; and general disappointment is only warded off by the defence of some little peculiar vexation.” (PP 229).

Romano Torres traduz como: “Ao mesmo tempo - pensava - é bom que haja alguma coisa que me contrarie, porque um projecto que promete uma alegria sem

nuvens acaba sempre por causar desilusões.” (RT 173-174). O texto original, embora elaborado e algo repetitivo, é descritivo e demonstra a linha de pensamento da personagem bem como a sua atitude e forma de estar na vida. Na tradução, essa ênfase perde-se, diminuindo a sua expressão.

Não se pode dizer que sejam traduções erradas, na medida em que passam, melhor ou pior, o ponto forte da mensagem da autora. Fazem-no, no entanto, de forma muito pobre, tirando informação e valor literário ao texto. Não se limitando aos cortes, Romano Torres optou também pela simplificação de várias passagens - um “mal menor” quando comparado com as frases e parágrafos inteiros que excluiu da tradução.

3.3. Adaptações

Há vários momentos na obra em que determinados termos ou conceitos, se traduzidos literalmente, poderiam causar alguma estranheza aos leitores por não terem nada a ver com o seu contexto.

No contexto da obra, uma refeição com dois pratos era um luxo completo, mas para os leitores talvez essa noção não se aplique. Assim, “two full courses” (PP 118) é traduzido como “banquete completo” (EI 130), “pratos requintados (RT 93) e “lauto banquete” (PEA 92).

Ainda no que diz respeito à comida, a famosa “white soup” (PP 54), uma sopa cremosa e rica, feita com vitela ou galinha, gemas de ovo, amêndoa moída e natas (Boyle 2011a), é pouco provável que fosse conhecida em Portugal e muito menos prato habitual à mesa. Assim, quando Bingley diz “as soon as Nicholls has made white soup enough, I shall send round my cards” (PP 54), a versão da Editorial Inquérito opta por substituir por “logo que o Nicholls tenha feito goma bastante mando os cartões” (EI 62). Também o texto das Publicações Europa-América introduz uma substituição, neste caso por “logo que Nicholls tenha arranjado as bebidas, começarei a enviar os convites” (PEA 42). enquanto que Romano Torres opta por simplificar a frase, escrevendo “logo que o Nicholls trate dos convites, mando-os” (RT 47).

3.3.1. Adaptação - unidades de medida

Um outro ponto que merece atenção é a forma como as unidades de medida são tratadas. No geral não são muitas as adaptações feitas pelas três obras - e as adaptações feitas destinam-se, geralmente, a tornar determinado conceito acessível num contexto distinto, onde o sistema métrico é o corrente. Assim, no que diz respeito às decisões do tradutor, a escolha seria entre traduzir a unidade ou convertê-la. Neste caso, a preocupação do tradutor seria “será que o leitor vai perceber o que a autora queria transmitir com a utilização desta unidade de medida?”.

Na obra aparecem dois termos, “miles” e “yards”. Ao termo “miles” é dado um tratamento mais coerente: é sempre traduzido para “milhas” (EI 160, PEA 114, EI 29, RT 31, PEA 26, EI 42, RT 34, PEA 28, EI 258, RT 182), excepto numa circunstância em que a frase é adaptada em Romano Torres, que em vez de “It was a journey of only twenty-four miles” (PP 150) escreve “a viagem era pequena” (RT 115).

Já “yards”, que só aparece uma vez no original, tem uma abordagem diferente em cada obra. A Editorial Inquérito converte para metros (EI 256), Romano Torres altera a frase substituindo “twenty yards” (PP 240) para “tão pouca distância” (RT180) e as Publicações Europa-América traduzem o termo para “jardas”, não realizando, pois, qualquer adaptação.

Verifica-se, deste modo, que o tratamento dado aos dois termos não é coerente. Talvez seja possível presumir que o termo “milhas” é relativamente comum na língua portuguesa, sendo capaz de transmitir uma ideia semelhante ao quilómetro - embora na verdade uma milha seja ligeiramente mais que um quilómetro e meio. Ainda assim, é possível que os tradutores considerem a proximidade dos dois valores e optem por manter o termo original. Já com “jardas”, termo não tão comum na língua portuguesa, os dois primeiros tradutores optaram por formas mais acessíveis para o leitor, tendo sido apenas a tradução mais recente - em que não só o acesso à informação seria maior, como o termo podia já ser mais conhecido - a optar por usar “jardas”.

3.3.2. Adaptação - jogos de cartas

Na época de Jane Austen os jogos de cartas eram bastante apreciados, principalmente pela aristocracia. Em *Pride and Prejudice* são mencionados os mais comuns: “vingt-un”, “commerce”, “loo”, “cassino”, “piquet”, “whist” e “quadrille”.

À época das traduções os jogos de cartas não tinham o mesmo papel que no século XIX e se actualmente, mesmo com acesso à internet, é difícil encontrar uma tradução para os nomes dos jogos, há vinte e setenta anos seria ainda mais complicado, principalmente porque este tipo de jogos era muito susceptível a variações e alterações, pelo que por muito que seja possível saber qual o jogo que originou aquela versão, não é possível dar-lhe esse nome por já não serem iguais.

A primeira referência a jogos de cartas aparece num diálogo entre Eliza e Charlotte, em que a primeira diz “they both like Vingt-un better than Commerce” (PP 23). Embora o “vingt-un”, antecessor do Blackjack, tenha sido conhecido em Portugal como “vinte e um”, do “Commerce” pouco se sabe. A Editorial Inquérito optou por traduzir a frase como “gostam mais ou menos de determinado passatempo” (EI 28), semelhante a Romano, Torres que traduziu como “os divertimentos que preferem” (RT 24). Já as Publicações Europa-América traduzem apenas o nome de um dos jogos: “gostavam mais de *vingt-un* do que do jogo do comércio” (PEA 19).

A segunda referência é de um jogo ainda mais desconhecido - “she found the whole party at loo” (PP 37). “Loo”, abreviatura de “Lanterloo”, não consta nas traduções, que optam por alterar a frase para não o mencionarem directamente: “jogar as cartas” (EI 44), “todos a jogar” (RT 34) e “na mesa de jogo” (PEA 29). Mais à frente há uma segunda referência a “loo table” (PP 46). Mais uma vez a Editorial Inquérito e as Publicações Europa-América adaptam para “mesa de jogo” (EI 54) e “jogando às cartas” (PEA 36), enquanto que Romano Torres corta a frase.

O “cassino” (PP 162) também tem tradução para português - “casino”. Ainda assim, as três edições mantêm o termo original, sendo que a versão das Publicações Europa-América escreve o termo entre aspas (EI 175, RT 124, PEA 124). Já “piquet”

(PP 46) é usado no texto da Editorial Inquérito entre aspas (EI 54) e em Romano Torres em itálico (RT 41). A tradução das Publicações Europa-América altera a frase substituindo o nome do jogo por “jogando às cartas” (PEA 36).

É nos jogos “whist” e “quadrille” que se encontram as maiores discrepâncias, não tanto a nível de tradução mas de formatação e concordância.

O jogo “whist”, embora conste no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Morais Silva, como “uíste”, é escrito em inglês nas obras. Das quatro vezes que é mencionado, em termos de formatação, nenhuma obra concorda entre si. Das primeiras três vezes a Editorial Inquérito coloca o nome da obra entre aspas (EI 84, EI 91, EI 92) e na última aparece sem aspas e em itálico (EI 348). Já Romano Torres, que nunca usa aspas, escreve da primeira vez sem formatação (RT 62), da segunda em itálico (RT 67), corta a terceira e escreve a quarta em itálico (RT 246). No texto das Publicações Europa-América escreve-se a primeira sem formatação (PEA 58) e as três restantes em itálico (PEA 63, PEA 65, PEA 244).

No que diz respeito ao “quadrille”, é mencionado quatro vezes. Da primeira vez a Editorial Inquérito traduz para “quadrilha” (EI 774) enquanto que Romano Torres e as Publicações Europa-América alteram a frase para não mencionar directamente o nome do jogo (RT 56, PEA 51), situação que se repete da segunda vez que o jogo é mencionado (EI 96, RT 70, PEA 67). Da terceira vez é ligeiramente diferente; o método de Editorial Inquérito e Publicações Europa-América mantém-se, mas Romano Torres corta a frase em que este é mencionado (EI 114, PEA 81). A quarta e última ocorrência é mais complexa. O texto das Publicações Europa-América usa pela primeira vez o nome do jogo, escolhendo manter o original (PEA 124). Também Romano Torres usa pela primeira vez o nome do jogo, escolhendo traduzir para “quadrilha”, ao qual o tradutor acrescenta uma nota explicando tratar-se de um jogo (RT 124). No entanto, a Editorial Inquérito, que das três vezes anteriores traduzira, aqui acrescenta também uma nota de tradutor.

Neste ponto encontra-se uma incoerência algo desnecessária. Não só a formatação não é coerente, mas também a escolha de explicar apenas um dos jogos e ser precisamente na última vez que eles são mencionados é uma falha grande.

3.4. Expressões idiomáticas

Um dos maiores desafios de um tradutor é seguramente uma correcta transposição das expressões típicas de determinada cultura. Mais do que uma tradução literal, com frequência, é imperativo o uso de uma expressão de significado equivalente.

A este respeito, na análise das três traduções encontram-se principalmente duas situações diferentes: a substituição por outra expressão - que pode ser equivalente, ou alterar o seu significado, quer suavizando termos, quer usando expressões mais populares, e portanto introduzindo modulações de registo –, mas também o acrescento de expressões típicas numa frase em que estas seriam vulgarmente utilizada.

Grande parte das expressões estão transpostas de forma neutra: “you must not let your fancy run away with you” (PP 142) é traduzido de forma muito semelhante: “não te deixes levar pela fantasia” (EI 153), “não deves correr atrás de fantasias” (RT 108) e “não te deixes arrastar pela fantasia” (PEA 108); no entanto outras têm uma interpretação mais livre, como “greater tax” (PP 363) sendo equivalente a “maior cruz” (EI 391) ou “ill tempered man” (PP 77) e “not a good-tempered man” (PP 238) a “homem de maus figados” (PEA 59, PEA 178).

É também comum a substituição do original por uma expressão equivalente. Romano Torres opta por traduzir “should not have their share of society” (PP 162) por “estarem presas em casa” (RT 124) e mais à frente na obra usa a expressão “toma muito calor” (RT 141) para traduzir “eager interest” (PP 187). Já a frase “I will leave him to himself” (PP 314) traduz como “cada um é senhor de fazer aquilo que lhe apetece” (RT 239), enquanto que o texto das Publicações Europa-América usa uma expressão um pouco mais polida e que foge um pouco ao sentido original: “deixá-lo-ei com a sua boa estrela” (PEA 237).

Neste contexto de traduções que acabam por ter um significado ou tom ligeiramente diferente do original encontram-se outros exemplos. A versão das Publicações Europa-América escolhe traduzir “I will write” (PP 289) como “Vou deste pé escrever” (PEA 219), que dá uma conotação de urgência que, apesar de implícita no contexto do diálogo, não era verbalizado pela personagem. Noutro passo, em vez de

traduzir de forma neutra “by not suiting his fancy” (PP 15), o mesmo texto opta por incluir a expressão “não lhe encher o olho” (PEA 12). Também a frase “[he’s] not at all worth pleasing” (PP 15) é adaptada para incluir a expressão “não vale a pena gastares o teu latim [com ele]” (PEA 12).

Na versão da Editorial Inquérito, “Jane saw nothing of him” (PP 145) foi traduzido como “Joana não lhe viu a sombra” (EI 156), o que confere ao passo um tom mais popular - mas igualmente correcto. O mesmo texto escolhe traduzir “Jane’s is nothing to it. Nothing at all.” (PP 357) por “Metes a Joana numa chinela” (EI 386), expressão que baixa o nível linguístico da personagem. Embora se enquadre com a forma de ser dela, está a criar-lhe uma imagem que o original não passa.

De certo modo, não existem traduções “erradas”, e na maioria dos casos as versões em análise conseguem transmitir o sentido do texto original. O maior problema detectado prende-se com o uso de expressões com um estilo de linguagem mais popular que no original, o que altera a imagem das personagens que a usam. Ainda assim, essa transformação não é impensável: era possível que a personagem, dado o seu carácter, usasse aquele estilo de linguagem, mas pode argumentar-se que deveria ser uma prioridade usar o estilo que a autora, no original, escolheu.

3.5. Expressões religiosas e supersticiosas

As expressões religiosas são muitas vezes adaptadas para o equivalente mais comum na língua portuguesa, mas também se encontra a troca de algumas expressões por expressões religiosas, como seria presumivelmente usado nesse contexto em português.

Expressões como “for God’s sake” (PP 15), “for a Kingdom” (PP 13), “Good Gracious” (PP 210) ou “Thank heaven” (PP 151) são traduzidas como “por amor de Deus” (EI 19, RT 17, PEA 12), “Deus me livre” (PEA 11), “Meu Deus” (PEA 226) ou “Graças a Deus” (PEA 241).

Encontra-se também a adaptação de algumas expressões supersticiosas ou religiosas para expressões religiosas, que na língua portuguesa seria mais comum usar.

São exemplos a tradução de “I certainly shall not” (PP 13) ou “I wouldn’t be so fastidious as you are” (PP 13) para “Deus me livre” (EI 17) e de “I never can be thankful” (PP 128) para “Agradeçamos a Deus” (EI 141, RT 101). A versão das Publicações Europa-América adapta “quiesse Deus” (PEA 101) a partir de “Oh, that my (...)” (PP 132) e adapta também “Que asneira, meu Deus” (PEA 199) a partir de “Wretched, wretched mistake” (PP 264).

Como se vê, estas estratégias são transversais às várias traduções. No texto da Editorial Inquérito, a frase “But it was her business to be satisfied - and certainly her temper to be happy; and all was soon right again” (PP 321) passa a “Tinha, porém, de se dar por satisfeita e, com o feliz temperamento que Deus lhe dera, em breve se conformou” (EI 247). No texto publicado por Romano Torres, a tradução encontrada é a seguinte: “Mas como Deus a dotara com excelente temperamento, acabou por conformar-se” (RT 174).

Não se pode considerar que sejam traduções erradas - acima de tudo, procuram, neste aspecto, tornar os diálogos e situações mais próximos ao contexto português, com as suas expressões religiosas. Ainda assim é curioso verificar que esta ponte nem sempre é feita e que outros marcadores típicos do contexto britânico - como por exemplo o uso de unidades de medida - se mantêm no seu original, em vez de transpostos para os utilizados em Portugal.

3.6. Alteração de tom

Acontece ainda com frequência uma tradução ganhar um tom diferente do original apenas por causa das palavras escolhidas para traduzir.

Quando a edição das Publicações Europa-América escolhe traduzir “its solace was visiting and news” (PP 7) por “mexericos” (PEA 7), dá uma ideia mais vulgar das personagens. Também esta editora opta por traduzir “note” como “bilhetinho” nas três ocasiões em que o termo aparece (PP 31, PP 32, PP 41) (PEA 24, PEA 25, PEA 32). “Bilhetinho” acaba por ter uma conotação diferente do original, muito mais informal, frequentemente associada a mexericos. Opta ainda por traduzir “girl” (PP 45) por “moçoila” (PEA 35) e “so fine a family of daughters” (PP 63) por “rancho de filhos”

(PEA 49), ambos termos mais coloquiais que não se adequam ao restante discurso do narrador. Já a Editorial Inquérito opta por traduzir “but his lies about the whole Pemberley family are endless” (PP 270) por “mas as suas canalhices contra a família de Pemberley não têm fim” (EI 289), um termo de baixo nível linguístico que não se adequa à personagem que o diz.

Há ainda circunstâncias em que a escolha das palavras muda o tom que o texto original transmitia. O texto das Publicações Europa-América traduz “creature” (PP 13) como “criatura” (PEA 11), que dá um tom depreciativo, principalmente dado o contexto, em que Darcy refere Elizabeth como a mais bela rapariga que alguma vez viu. Da mesma forma opta por traduzir “Bingley was by no means deficient, but Darcy was clever.” (PP 18) como “deficiente” (PEA 14), que não é o termo apropriado, uma vez que passa sempre a noção de “défice”, “atraso”, ou “incapacidade”, que não se trata da intenção do original.

Lady Catherine é descrita como “a tall, large woman” (PP 159), que a Editorial Inquérito traduz como “uma mulher alta e gorda” (EI 170). Embora “large” possa significar “gôrda”, não só não é uma expressão de bom tom, como provavelmente a autora queria transmitir a noção da senhora como sendo robusta, de grande porte, para que a sua fisionomia também passasse a imagem de poder e austeridade.

Pelo contrário, ao descrever Elizabeth, Miss Bingley usa a expressão “looked almost wild” (PP 36), e o texto das Publicações Europa-América traduz como “rústica” (PEA 28). Embora a tradução faça sentido, perde-se o tom crítico e forte que a autora escolheu. Um outro exemplo em que o tom da frase muda é com a tradução da edição de Romano Torres de “Elizabeth passed the chief of the night in her sister’s room” (PP 41) para “Elizabeth perdeu a noite no quarto da irmã” (RT 37), que involuntariamente passa a noção que desperdício de tempo, que não consta no original.

Há ainda casos em que a palavra ou termos usados na tradução acabam por mudar ligeiramente o sentido da frase.

No original, quando Miss Bingley percebe que Elizabeth é alvo de admiração por parte de Darcy, felicita-o, ao que Darcy responde “I knew you would be wishing me joy.” (PP 28). O texto das Publicações Europa-América traduz como “Sabia que faria a

gracinha de me felicitar.” (PEA 22). Embora a forma como Miss Bingley fala possa ser interpretada como tendo um tom de gozo por Darcy gostar de alguém com pouca classe, nada na frase de Darcy indica que este tenha interpretado a situação como uma tentativa de gozo, para usar o termo “gracinha”.

A edição de Romano Torres escolhe passar uma frase de Miss Bingley para discurso indirecto. Assim, “«You may depend upon it, Madam» said Miss Bingley, with cold civility, «that Miss Bennet will receive every possible attention while she remains with us.»” (PP 42) é traduzido como “Miss Bingley confirmou a opinião do irmão, garantindo que Jane seria tratada com todos os cuidados.” (RT 38). Ao remover “cold incivility” desaparece o tom de desagrado de Miss Bingley, o que acaba por modificar a imagem que a frase transmite.

Já a frase “In pompous nothings on his side, and civil assents on that of his cousins (...)”, (PP 70-71) sobre Mr Collins, é traduzida na edição de Romano Torres como “em amena conversa” (RT 59), que não passa, de forma alguma, a ideia de Austen. Também a Editorial Inquérito fica aquém do original ao traduzir para “Entre frases ora amáveis ora frívolas”. Apenas o texto das Publicações Europa-América transmite a ideia original: “Mantendo ele, no estilo pomposo que lhe era peculiar, uma conversa destituída de todo o interesse, na qual as suas primas só por delicadeza colaboravam” (PEA 55).

Também pela mão da Editorial Inquérito surge uma outra tradução que altera o tom do original. No original, Mr Bennet, a pedido de Elizabeth, pede a Mary para terminar a sua actuação ao piano, que estava a ser motivo de troça. No entanto o pai, sem ter cuidado com os termos que usa, acaba por dizer “Let the other young girls have time to exhibit.” (PP 98). Na tradução lê-se “É preciso dar a vez às outras senhoras”, perdendo-se portanto a falta de classe de Mr Bennet, que era propositada. Da mesma forma, a tradução das Publicações Europa-América opta por traduzir a frase de Lydia “have you had any flirting?” (PP 213) como “divertiram-se?” (PEA 161), mais uma vez suavizando as críticas propositadas de Austen.

Alguns dos termos escolhidos são também invulgares, pelo menos para o leitor do século XXI. Tanto a Editorial Inquérito como Romano Torres traduzem “walker”

(PP 36) por “andarilha” (EI 259, RT 33). Também a Editorial Inquérito traduz “ankles” (PP 36) como “artelhos”, um termo técnico para tornozelos. O motivo que possa ter levado à escolha de um termo tão específico é questionável, uma vez que mesmo que fosse comum à época, “tornozelos” estaria mais dentro do estilo linguístico da obra. A Editorial Inquérito traduz ainda “[Wickham’s] air” (PP 75) para “no garbo” (EI 83), ou seja, na elegância, generosidade, um termo pouco comum, pelo menos na actualidade. A edição das Publicações Europa-América traduz ainda “so full on contradictions and varieties” (PP 265) para “súmula tão prenhe de contradições” (PEA 200). Não só “súmula” é um termo já em desuso, como “prenhe” é ainda menos usado.

Surtem ainda termos que não têm muito uso na língua portuguesa como é falada em Portugal, mas sim no Brasil. São exemplos a tradução de “farm” (PP 31) para “fazenda” (PEA 25), a tradução de “too much fatigued” (PP 100) por “quebrada” (PEA 79), em vez de “cansado” e ainda de “to procure” (PP 122) como “granjear” (PEA 95).

Estas diferenças entre o tom original e o tom da tradução fazem com que, em muitos casos, se percam noções e imagens que a autora procurava transmitir. Embora não sejam cruciais para o desenrolar da história, acabam por tirar riqueza ao texto e às personagens, bem como, noutros casos, causam estranheza ao leitor.

3.7. Erros de tradução

Nenhuma das traduções se viu isenta de erros, embora para certo número desses erros seja possível conjecturar uma explicação.

Logo no terceiro capítulo Mrs Bennet comenta com o marido em detalhe o decorrer do baile em Netherfield, descrevendo com quem Bingley dançou cada dança, sendo que tanto as versões da Editorial Inquérito como de Romano Torres confundem “Boulanger” (PP 15), o nome de uma dança, com o nome de uma senhora (EI 19, RT 16). Dado o contexto, em que se mencionava personagens, é possível depreender tratar-se de um caso de falta de informação ou de dedução lógica (embora errada) de que se trataria de outra personagem.

Um outro termo que causa confusão é “se’nnight” (PP 62, PP 95). Nas duas vezes que aparece na obra, causa dúvidas quanto à sua interpretação. Na primeira vez

que aparece Mr Collins escreve na sua carta que ficará em casa dos Bennet de segunda até sábado da semana seguinte, justificando mais à frente que não haveria problema em passar um domingo fora da paróquia desde que outro clérigo o substituísse. Está portanto errada a tradução de Romano Torres quando diz que ficará em casa deles “até sábado” (RT53). A tradução da Editorial Inquérito, “até sábado da semana seguinte” (EI 70), embora não seja a mais explícita, passa a ideia correcta, mas na segunda ocorrência de “se’nnight” (PP 95) é a Editorial Inquérito a traduzir errado quando diz “ontem à noite” (EI 105) e Romano Torres, que antes traduzira errado, opta agora por alterar a frase para não mencionar o tempo (RT77). Em ambos os casos a versão das Publicações Europa-América traduz correctamente (PEA 48, PEA 74).

Existem ainda alguns lapsos por parte dos tradutores. Em Romano Torres, sem razão aparente, traduz-se “at five o’clock” (PP 35) para “às seis e meia” (RT 33). O mesmo género de lapso ocorre em Publicações Europa-América quando se refere que o desejo de Mrs Bennet, desde que Jane fizera dezasseis anos, era ver as suas filhas casadas, mas que Publicações Europa-América troca por “quinze anos” (PEA 221).

Editorial Inquérito e Romano Torres traduzem, na mesma frase, “Mrs” (PP 162) como Sr. (EI 174, RT 123). Embora seja uma coincidência interessante, convém apontar que no original lemos “Mrs Collins” e na sala também está presente Mr Collins. A fala de Lady Catherine, dirigida a Mrs Collins - que até então era referida como Charlotte ou Miss Lucas - podia facilmente ser interpretada como sendo dirigida a Mr Collins.

No entanto, alguns erros são mais sérios, dado que mudam a interpretação do leitor ou acabam por o confundir. É o caso de Publicações Europa-América, quando, ao mencionar que Jane tinha perdido a hipótese de casar com Bingley por causa da sua própria “família” (PP 207), afirma ser por causa da “filha” (PEA 157), lapso algo confuso dado que Jane não tem uma filha. Por último, após a leitura da extensa carta de Darcy para Elizabeth, explicando as suas razões para ter desaconselhado a relação entre Bingley e Jane, bem como a má conduta de Wickham, Elizabeth pára a leitura “a considerable while” e só então continua a ler. Embora não seja um erro muito importante, Romano Torres traduz como “depois de meditar um bocadinho”. Não só a

tradução implica que Elizabeth passou pouco tempo a pensar no assunto, como usa o termo “bocadinho”, que passa um pouco a ideia de “desinteresse”.

3.8. Gralhas

Contrariamente ao que se possa pensar, o maior número de gralhas encontra-se na tradução mais recente. Ainda que a primeira edição da obra pelas Publicações Europa-América possa ter sido publicada em 1975 e tenha sido reimpressa em 1978, 1989 e finalmente em 1996, não justifica a quantidade generosa de gralhas nem quando existem revisores, nem numa era informática, com processadores de texto equipados com correctores automáticos.

O texto das Publicações Europa-América conta com pelo menos 18 gralhas e o da Editorial Inquérito com 5. Já em Romano Torres não foram encontradas gralhas.

Falhas de letras, como “serã”, em vez de “serão” (PEA 23), trocas de letra, como “filhae” em vez de “filhas” (PEA 24) ou “, PEA 25), omissão de letras, como “bile” em vez de “baile” (PEA 35) ou acrescento de letras, como “jera” em vez de “era” (PEA 56). Falta também um travessão no início do diálogo (EI 85 e 104) e, precisamente o oposto, há um travessão a mais no início de outro diálogo (EI 114).

As gralhas não alteram o significado da obra, mas distraem da sua leitura, para além de criarem ao leitor uma noção de fraca qualidade, muitas vezes imputada à própria obra, e não à tradução ou editora.

O facto de as traduções mais antigas - que dispunham de menos meios de revisão, ou, por outro lado, de meios humanos, mais capazes de falhar - terem menos erros que a tradução mais recente implica que talvez a tradução mais recente fosse lançada rapidamente, de forma a chegar rapidamente ao público alvo e assim se descurasse um pouco a qualidade da revisão.

3.9. Notas do Tradutor

No geral, as notas dos tradutores não são tidas em boa conta, isto é, são objecto de um preconceito desfavorável. O tradutor, que tem como função aceder ao texto na

sua língua original e torná-lo acessível aos leitores que o procuram noutra língua, deve procurar, principalmente na narrativa, reduzir as interferências a que o leitor possa estar sujeito, para que este possa ter uma experiência mais rica e próxima do texto, como fora a intenção do autor.

Embora haja situações em que as notas são necessárias para a compreensão do texto, o estigma da sua relação com a incapacidade e falha do tradutor em correctamente transpor um universo linguístico para outro existe, e os limites não são bem marcados.

As próprias línguas adaptam-se com o tempo - surgem traduções, estabelecem-se estrangeirismos e o acesso à informação é cada vez mais fácil, pelo que antigamente havia uma necessidade maior de enquadrar o leitor em determinados aspectos que este, vivendo numa outra cultura, desconhecia. Na análise das traduções encontra-se precisamente um maior número de notas do tradutor nas traduções mais antigas: quatro em Editorial Inquérito, três em Romano Torres e duas em Publicações Europa-América, sendo praticamente todas com o objectivo de transmitir alguma explicação referente ao texto original.

A Editorial Inquérito e Romano Torres, face à expressão inglesa “keep your breath to cool your porridge” (PP 25), optam por a manter em inglês e traduzir em nota, bem como explicar o sentido e incluir uma expressão equivalente em português: “Êste aforismo inglês, cujo sentido será Não desperdices palavras, é, porém, tomado no texto pela sua expressão à letra: Guarda o teu sôpro para arrefeceres a tua sopa. (N. dos T.)” (EI 31), e “«Guarda o teu fôlego para arrefecer a tua sopa» - tradução à letra - mas, neste caso, seria mais adequado o nosso ditado: «Quem dá o que tem a mais não é obrigado»” (RT 25). Já o texto das Publicações Europa-América, que neste caso optou por traduzir a expressão quase literalmente, não coloca nota: “Guarda o teu fôlego para resfriares o teu caldo” (PEA 20).

Na carta com que Mr Collins se apresenta à família Bennet, este menciona Lady Catherine de Brough como “Right Honorable” (PP 61), um título aplicado aos Barões. Embora exista a tradução “O Muito Honrável”, Editorial Inquérito e Romano Torres optaram por manter o original em inglês e explicar em nota o seu significado (EI 70

RT53). Também aqui Publicações Europa-América opta por simplificar e substitui por “Baronesa” (PEA 48).

Também Editorial Inquérito e Romano Torres optam por incluir uma nota a explicar o que é “quadrille”, embora traduzam para “quadrilha” (EI 175, RT 124). Já Publicações Europa-América não traduz nem explica (PEA 124), mas mais à frente, quando se menciona “reel”, que não é traduzido, explica que se trata de uma dança (PEA 39), enquanto que os textos de Romano Torres e da Editorial Inquérito alteram ligeiramente a frase para não terem de usar a palavra (RT 45, EI 59).

Um outro exemplo de uma informação que podia não ser correctamente interpretada pelo leitor trata-se da referência aos “casacos vermelhos”, típicos da milícia britânica no século XVIII. Editorial Inquérito opta por explicar em nota (EI 72) enquanto que Romano Torres não o faz (RT 54) e Publicações Europa-América altera para “uniforme” para ser mais perceptível, pelo que não emprega qualquer nota de tradutor (PEA 49).

A única nota que não tem como propósito uma explicação é a primeira nota em Publicações Europa-América, que aponta para o facto de no texto original se atribuir a Kitty uma pergunta que R. W. Chapman, editor inglês de Jane Austen, acredita ser na verdade feita por Mr Bennet, justificando assim que na tradução estejam em falas separadas (PEA 7).

3.10. Apresentação paratextual

Diz-se que não se deve julgar um livro pela capa, mas a apresentação paratextual tem um papel muito importante na recepção de uma obra. A apresentação paratextual das traduções de *Orgulho e Preconceito* foi variada ao longo do tempo, e nem sempre favorecedora. Gillian Dow fez um levantamento de alguns casos de traduções pela Europa em *The Cambridge Companion to Pride and Prejudice*, concluindo que essencialmente os problemas surgem nas imagens escolhidas, sendo que as edições usam sobrecapas com imagens que remetem para outras épocas - a *belle époque*, numa edição francesa, os anos 50 do século XX numa edição italiana, e uma edição espanhola escolhe uma imagem com um chapéu de coco e a figura de quatro mulheres. Uma edição franco-canadiana opta ainda por uma sobrecapa ao estilo dos “Harlequin

Romance”, uma colecção de histórias de amor que anos mais tarde ganharia má fama por conter descrições detalhadas de cenas íntimas. Esta tradução incluía ainda uma imagem completamente fora de contexto de um casal abraçado, ao qual foi anexada uma citação da obra, também esta tirada do seu contexto, não tendo sido dita pelo casal e tendo, na obra, um tom irónico que se perde fora dessa acção em particular (Dow 2013: 130-132).

Dow menciona ainda o exemplo de uma edição italiana que optou por domesticar os nomes das personagens, algo que também aconteceu nas edições da Editorial Inquérito e de Romano Torres. Embora afaste a obra do seu contexto britânico original, este procedimento também a aproxima do novo público, que talvez tivesse mais dificuldade em se associar a personagens com nomes tão distintos.

No que diz respeito às capas as edições portuguesas são bastante sóbrias. A edição da Editorial Inquérito (Anexo 4), em tom azul marinho, destaca o título e a colecção, bem como o nome da editora e uma ilustração de uma senhora com uma sombrinha a passear num jardim com uma árvore, que se enquadra no modelo aplicado na colecção de livros da autora lançada pela editora. Já a Edição de Romano Torres (Anexo 5) usa a capa padrão da colecção em tons de amarelo torrado e azul petróleo, destacando o título, o tipo de obra e nome da autora, mencionando ainda a colecção e a editora. A edição de 1975 da Europa América (Anexo 6) inclui também uma imagem com pessoas com vestimentas da época, destacando o título e a autora. Já a edição de 1996 (Anexo 7) usa a capa padrão da colecção, destacando o título, autora e colecção, incluindo ainda uma pequena ilustração da época. Esta edição incluía uma sobrecapa com uma imagem da série da BBC de 1995 (Anexo 8). Vê-se portanto uma primazia pela continuidade dos modelos padrão da colecção em que se insere, mais do que uma tentativa de criatividade por parte do ilustrador.

É também interessante analisar as colecções em que os livros são lançados. A Editorial Inquérito cria propositadamente a colecção “Os romances de Jane Austen”, em que publica quatro das obras da autora. A edição de Romano Torres é inserida na colecção “Obras escolhidas de autores escolhidos”, a par de nomes como Nathaniel Hawthorne, Charles Dickens e Walter Scott. A Europa-América incluiu *Orgulho e Preconceito* na sua colecção “Livros de Bolso Europa-América”, juntamente com autores portugueses e estrangeiros como Almeida Garrett, John Steinbeck, Emily Brontë, Camilo Castelo Branco e William Faulkner. Em 1996 a obra é relançada pela mesma editora na colecção “Clássicos”, também entre autores portugueses e estrangeiros: Fernando Pessoa, Charles Dickens, Dostoiowski, Dante, Maquiavel e Homero.

No que diz respeito à contracapa e ao prefácio, vê-se uma alteração dos hábitos editoriais. Nas edições mais antigas a contracapa é usada para publicitar outras obras da mesma editora e as edições incluem um prefácio que sucintamente descreve a vida e obra da autora e um pequeno resumo da obra. Já nas edições mais recentes uma breve nota biográfica substitui os prefácios, tendo então lugar na contracapa. Nestas notas a autora é louvada não só pelas obras que escreve, mas pelo seu tom crítico e retratista e pela beleza das duas obras, o que sem dúvida acabava por ter um papel importante na escolha e abordagem da leitura da obra.

A edição de Romano Torres afirma que “*Orgulho e Preconceito* continua a ser uma das obras primas da literatura universal.”, chegando mesmo a afirmar que “como sucede com quase todos os génios - [Jane Austen] só depois de morta foi apreciada convenientemente”. Esta edição repete as palavras que escrevera em *Sangue Azul*, “tratava-se de uma autora que, pela sua sensibilidade, pela sua ironia calma, pela sua graciosa análise de caracteres - está muito próxima do temperamento e simpatia da gente portuguesa”. Também EI a afirma que a autora recorda “ao leitor algumas das mais belas páginas do nosso Júlio Dinis”, numa tentativa prévia de estabelecer um paralelismo, quer de estilo, quer de grandeza.

Um outro ponto digno de ser mencionado, é a livre adaptação por parte da edição de Romano Torres na organização de capítulos e subcapítulos, que não correspondem ao original, estando somente os capítulos numerados, e os subcapítulos separados com um marcador em forma de estrela. Mais ainda, a cada capítulo é dado um título, como “cinco filhas para casar”, “nem todas podem ser bonitas” ou “não há amor sem poesia”, que embora seja concordante com o que se passa nesse capítulo, não constam no original, sendo portanto fruto da criatividade da tradutora.

Correspondendo à forte presença de Jane Austen pela Europa, as editoras apresentam Jane Austen e *Orgulho e Preconceito* como uma astuta escritora e brilhante obra, a par de nomes importantes da literatura nacional e estrangeira, abrindo-lhe de início as portas para o sucesso em Portugal.

Conclusão

Jane Austen pode não ter tido, em vida, o percurso de fama de muitos outros autores, mas conquistou o seu lugar na literatura ocidental. Das suas obras, *Pride and Prejudice* mantém um lugar de destaque, sendo muito popular entre os leitores, mesmo nos dias de hoje. Daí talvez que se esperasse maior cuidado ou atenção ao fazer chegar *Orgulho e Preconceito* ao público. Não foi exactamente isso que se verificou.

Da análise às traduções examinadas o aspecto que mais se destaca é sem dúvida o grande número e a extensão dos cortes na edição de Romano Torres, que comprometem a proximidade ao original e a qualidade do texto final. Também as simplificações a que esta tradução recorre para, possivelmente, resumir ou terminar rapidamente a tradução, afastam o produto final da obra de Jane Austen. Embora os cortes não comprometam a história, perde-se muito do valor da autora, quer nas críticas que Austen tão habilmente faz, quer no seu reconhecido uso da ironia, ou mesmo na qualidade e riqueza do texto. São poucos os cortes feitos nos textos da Editorial Inquérito e das Publicações Europa-América e não têm uma lógica comum. É possível que se trate de falhas no texto que serviu de base, ou alguma distração por parte do tradutor. Também a edição de Romano Torres, provavelmente pelos mesmos motivos dos cortes, optou por simplificar diversas passagens, resumindo diversas frases, ajudando ao cômputo geral de resumo que a obra acabou por sofrer.

O segundo facto que mais destaque tem é o número de gralhas na tradução das Publicações Europa-América. Não sendo um problema de tradução, é algo que afecta a qualidade da obra, desvalorizando a autora. Dados os recursos tecnológicos disponíveis à época da edição, não se justifica a grande quantidade de gralhas, mostrando assim descuido e/ou pressa na publicação da tradução. Desconstrói-se então um pouco do preconceito (com base apenas nesta obra) de que as traduções são más. As escolhas e opções tomadas na tradução são, maioritariamente, correctas, mas são as gralhas e a aparente falta de revisão que deixam algo a desejar.

No conjunto das traduções analisadas, as expressões idiomáticas e religiosas são, de uma maneira geral, bem traduzidas, sendo substituídas por uma expressão equivalente; é também comum a introdução de expressões idiomáticas e religiosas nos

contextos oportunos, como seriam utilizadas na língua portuguesa. Acontece, no entanto, algumas das expressões utilizadas usarem um nível linguístico mais baixo, como palavras ou expressões mais populares, que não parecem pertencer ao contexto das personagens que as utilizam. É uma situação semelhante que acontece com a tradução de algumas palavras, que, embora válida, altera o tom original da frase, por vezes melhorando o seu sentido, suavizando críticas, mas maioritariamente transmitindo um tom pior, mais grosseiro que o original.

As três obras fazem adaptações semelhantes nos mesmos problemas e ambas têm um número semelhante de erros de tradução, possivelmente por falta de conhecimento dos tradutores ou de acesso à informação.

As traduções da Editorial Inquérito e das Publicações Europa-América podem ser consideradas de boa qualidade. Esta última, embora mais correcta em termos de informação e resolução de problemas, sofre com a falta de uma revisão que impedisse as dezenas de gralhas. Ainda assim, é superior à tradução de Romano Torres, que com os diversos cortes retirou essência à obra, suavizando críticas que definem o carácter de Jane Austen enquanto pessoa e autora.

O século XXI trouxe uma nova vaga de interesse por Jane Austen e foram várias as novas traduções que surgiram, deixando de lado as reimpressões de traduções antigas. Mais do que oferecer aos leitores uma história para entreter, procuram actualmente mostrar a qualidade e o espírito crítico de uma das mais importantes figuras da literatura britânica, oferecendo ao leitor um maior contexto da época da autora, clarificando referências que até então passavam despercebidas. O bicentenário da sua morte desencadeou reedições, conferências e um largo debate sobre a autora, ganhando esta, assim, cada vez mais o impacto e fama merecidos que não teve em vida. Que seja a porta, quer na Europa, quer em Portugal, para a leitura e estudo de Jane Austen.

Referências bibliográficas

Bibliografia primária

Austen, Jane. *Pride and Prejudice*. Ed. introd. e not. de Vivian Jones. London: Penguin Books, 2014.

Austen, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Trad. de Ercílio Cardoso e Álvaro Serpa. Lisboa: Inquérito, imp. 1943. 396 pp.

Austen, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Pref. de Gentil Martins; trad. de Leyguarda Ferreira. Lisboa: Romano Torres, 1949. 283 pp. (Obras escolhidas de autores escolhidos, número 10.)

Austen, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Trad. de Maria Francisca Ferreira de Lima. Mem Martins: Europa-América, D.L. 1996. 278 pp. (Clássicos, número 34.)

Austen, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Trad. de Ângela Miranda Cardoso e Maria João da Rocha Afonso. Barcarena: Presença, 2014. 278 pp. (Clássicos, número 34).

Austen, Jane. *Razão e Sentimento*. Trad. de Berta Mendes. Lisboa: Inquérito, imp. 1943. 362 pp.

Austen, Jane. *O Parque de Mansfield*. Trad. de Aida Amélia Pêra. Lisboa: Inquérito, imp. 1943. 462 pp.

Austen, Jane. *Ema*. Trad. de José Parreira Alves. Lisboa: Inquérito, imp. 1944. 541 pp.

Bibliografia secundária e recursos electrónicos

austen.com. Disponível em <http://www.austen.com/>. Última consulta: 27 Jul. 2017.

Austen-Leigh, J. E. *A Memoir of Jane Austen and Other Family Recollections*. Ed. Kathryn Sutherland. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Boyle, Laura. *Jane Austen - Regency White Soup*. 2011a. Disponível em: www.janeausten.co.uk/regency-white-soup/ Última consulta 27 Jul. 2017.

Boyle, Laura. *Jane Austen - Jane Austen's Brothers*. 2011b. Disponível em: <https://www.janeausten.co.uk/jane-austens-brothers/> Última consulta 27 Jul. 2017.

Burney, Fanny. *Cecilia, or memoirs of an heiress*. T. Paine and Son and T. Cadell, 1782. Disponível em https://books.google.pt/books/about/Cecilia_or_Memoirs_of_an_heiress.html?id=syQJAAAAQAAJ&redir_esc=y Última consulta 27 Jul. 2017.

Card games in Pride and prejudice - WHS HBL Jane Austen. Disponível em <https://sites.google.com/site/whshbljaneausten/card-games-in-pride-and-prejudice> Última consulta 27 Jul. 2017.

Cossy, Valérie e Diego Saglia. "Translations". *Jane Austen in context*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 169-181.

Dow, Gillian. "Translations". *The Cambridge companion to Pride and Prejudice*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. 122-136.

Fergus, Jan. "Biography". *Jane Austen in context*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 3-11.

IMDb - Pride and Prejudice (TV Movie 1938). IMDb.com. Disponível em: www.imdb.com/title/tt0414386/. Última consulta 27 Jul. 2017.

IMDb - Pride and Prejudice (1940). IMDb.com. Disponível em: www.imdb.com/title/tt0032943/. Última consulta 27 Jul. 2017.

IMDb - *Pride and Prejudice*. IMDb.com. Disponível em: www.imdb.com/title/tt0112130. Última consulta 27 Jul. 2017.

Keymer, Thomas. "Narrative". *The Cambridge companion to Pride and Prejudice*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. 1-14.

Keymer, Thomas. "Rank". *Jane Austen in context*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 387-396.

Le Faye, Deirdre. *Jane Austen: A Family Record*. Cambridge University Press, 2004.

Le Faye, Deirdre. "Letters". *Jane Austen in context*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 33-40.

Mandal, Anthony. "Composition and publication". *The Cambridge companion to Pride and Prejudice*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. 42-55.

Mandal, Anthony; Southeren, Brian, org. *The reception of Jane Austen in Europe*. London: Bloomsbury Academic, 2014.

Maxwell, Richard; Trumpener, Katie. *The Cambridge companion to fiction in the Romantic period*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Moraes Silva, António de. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Aumento e actualização por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1958. Volume XI, 10ª edição.

Russell, Adam. Isabelle de Montolieu Reads Anne Elliot's Mind: Free Indirect Discourse in *La Famille Elliot*. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/printed/number32/russell.pdf> Última consulta 27 Jul. 2017.

Sheenan, Lucy. *Historical context for Pride and prejudice by Jane Austen* Disponível em <https://www.college.columbia.edu/core/node/1765>. Última consulta 27 Jul. 2017.

Sutherland, Kathryn. "Chronology of composition and publication". *Jane Austen in*

context. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 12-22.

Todd, Janet, org. *Jane Austen in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Todd, Janet, org. *The Cambridge companion to Pride and prejudice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013b.

Todd, Janet. "Criticism". *The Cambridge companion to Pride and Prejudice*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2013a. 137-149.

Trois, Julio. *Guia prático dos jogos de cartas*. Google Play, 2012. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=iVZhCgAAQBAJ&pg=PT53&lpg=PT53&dq=jogo+cartas+dez+ouros+dois+espadas+cassino&source=bl&ots=BGNlh-bcz1&sig=Dw3m4a6RLgPnkiLmogG2pIs1VCU&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwis8fyNzMnUAhWLtBoKHU9-AoAQ6AEIDjAC#v=onepage&q=jogo%20cartas%20dez%20ouros%20dois%20espadas%20cassino&f=false>. Última consulta 27 Jul. 2017.

Waldron, Mary. "Critical responses, early". *Jane Austen in context*. Org. Janet Todd. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 83-91.

Anexos

Anexo 1 - personagens de *Pride and Prejudice*

<p>The Bennets:</p> <p>Mr. Bennet</p> <p>Mrs. Bennet</p> <p>Jane</p> <p>Elizabeth</p> <p>Mary</p> <p>Kitty</p> <p>Lydia</p>	<p>Mrs. Annesley</p> <p>Sir Lewis de Bourgh</p> <p>Captain Carter</p> <p>Mr. Chamberlayne</p> <p>Dawson</p> <p>Mr. Denny</p> <p>Colonel Forster</p> <p>Mrs. Harriet Forster</p> <p>William Goulding</p> <p>Haggerston</p> <p>The Harringtons</p> <p>Mrs. Hill</p> <p>Mr. Hurst</p> <p>Mrs. Jenkinson</p> <p>John, criados dos Collins</p> <p>John, criado dos Gardiner</p> <p>Mr. Jones</p> <p>Miss Mary King</p> <p>Mrs. Long</p> <p>Lady Metcalfe</p> <p>Mr. Morris</p> <p>Mrs. Nicholls</p> <p>Mr. Phillips</p> <p>Miss Pope</p> <p>Mr. Pratt</p> <p>Mrs. Reynolds</p> <p>Mr. Robinson</p> <p>Mr. Stone</p> <p>Miss Watson</p> <p>The Miss Webbs</p> <p>Mrs. Younge</p> <p>Old Mr. Darcy</p> <p>Lady Anne Darcy</p> <p>Old Mr. Wickham</p> <p>Earl of--, tio de Colonel Fitzwilliam</p> <p>Sally*</p> <p>Sarah*</p>
<p>The Bingleys:</p> <p>Charles Bingley</p> <p>Caroline</p> <p>Louisa Hurst</p>	
<p>Mr. Collins</p>	
<p>The Darcys:</p> <p>Fitzwilliam Darcy</p> <p>Georgiana Dacy</p> <p>Lady Catherine</p> <p>Anne de Bourgh</p> <p>Colonel Fitzwilliam</p>	
<p>The Gardiners:</p> <p>Mr. Gardiner</p> <p>Mrs. Gardiner</p>	
<p>The Lucases:</p> <p>Sir William</p> <p>Lady Lucas</p> <p>Charlotte</p> <p>Maria</p>	
<p>George Wickham</p>	<p>*estas personagens, apesar de contabilizadas não foram estudadas</p>

Anexo 2 - personagens centrais

The Bennets:

Mr. Bennet
Mrs. Bennet
Jane
Elizabeth
Mary
Kitty
Lydia

The Bingleys:

Charles Bingley
Caroline
Louisa Hurst

Mr. Collins

The Darcys:

Fitzwilliam Darcy
Georgiana Darcy

Lady Catherine
Anne de Bourgh

Colonel Fitzwilliam

The Gardiners:

Mr. Gardiner
Mrs. Gardiner

The Lucases:

Sir William
Lady Lucas
Charlotte
Maria

George Wickham

Anexo 3 - personagens secundárias

Mrs. Annesley
Sir Lewis de Bourgh
Captain Carter
Mr. Chamberlayne
Dawson
Mr. Denny
Colonel Forster
Mrs. Harriet Forster
William Goulding
Haggerston
The Harringtons
Mrs. Hill
Mr. Hurst
Mrs. Jenkinson
John, criados dos Collins
John, criado dos Gardiner
Mr. Jones
Miss Mary King
Mrs. Long
Lady Metcalfe
Mr. Morris
Mrs. Nicholls
Mr. Phillips
Miss Pope
Mr. Pratt
Mrs. Reynolds
Mr. Robinson
Mr. Stone
Miss Watson
The Miss Webbs
Mrs. Younge
Old Mr. Darcy
Lady Anne Darcy
Old Mr. Wickham
Earl of--, tio de Colonel Fitzwilliam
Sally*
Sarah*

* Estas personagens, apesar de contabilizadas, não foram estudadas.

Anexo 4 - capa EI



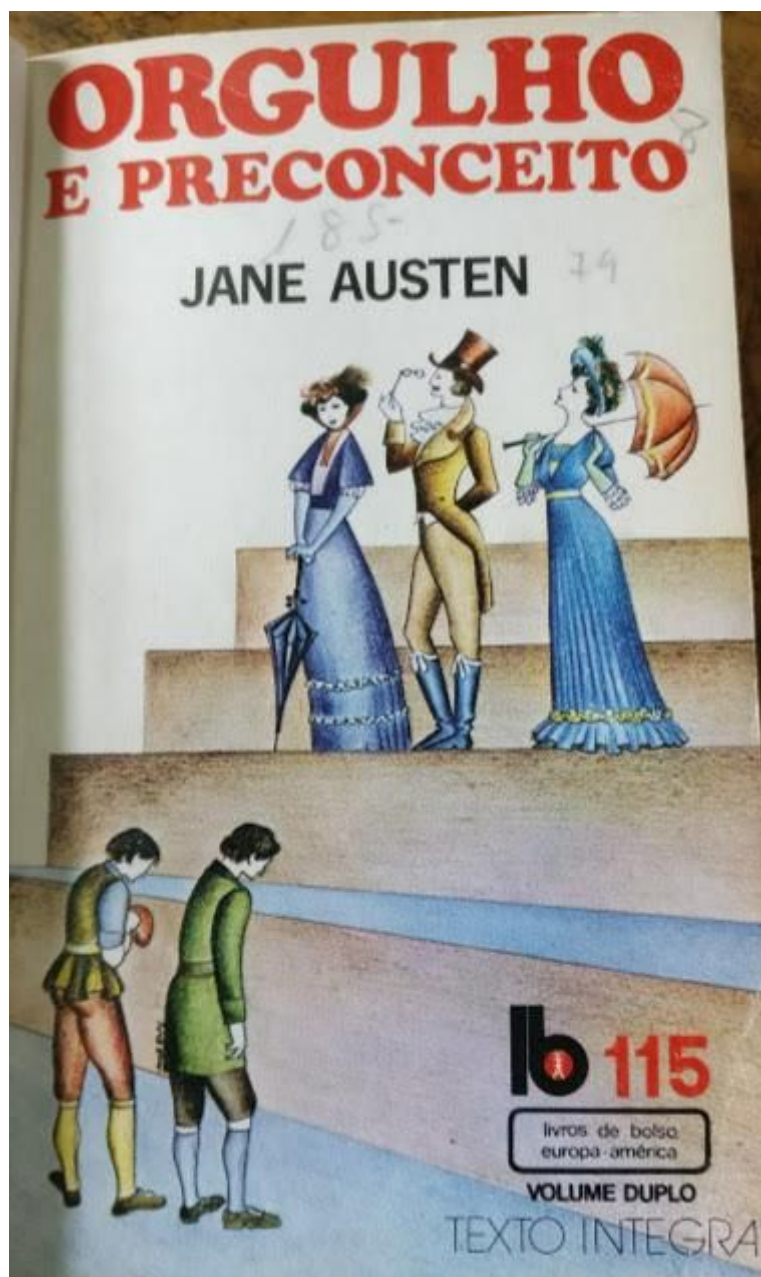
Capa da edição da Editorial Inquérito.

Anexo 5 - capa RT



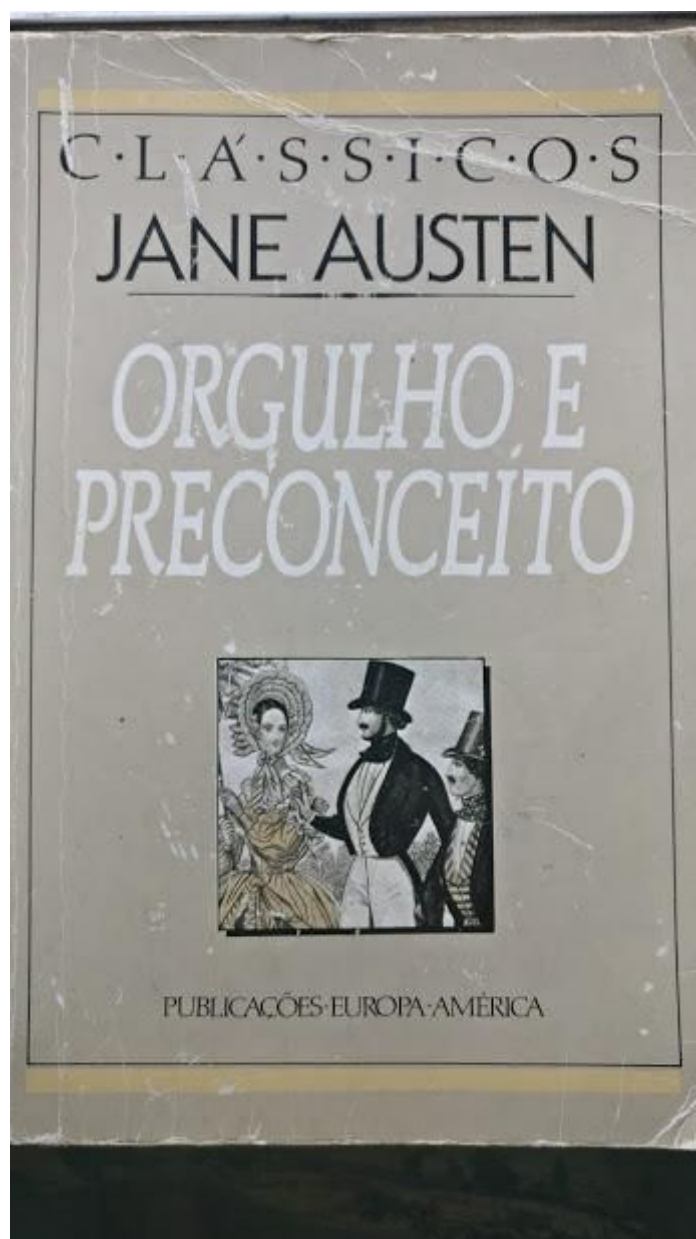
Capa da edição de Romano Torres.

Anexo 6 - capa 1975 PEA



Capa da edição de 1975 das Publicações Europa-América.

Anexo 7 - capa 1996 PEA



Capa da edição de 1996 das Publicações Europa-América.

Anexo 8 - sobrecapa 1996 PEA



Sobrecapa da edição de 1996 das Publicações Europa-América